convergência

JUL/AGO - 1980 - ANO XIII - Nº 134



- JOÃO PAULO II ÀS RELIGIOSAS página 328
- JOÃO PAULO II AOS RELIGIOSOS página 334
- O PAPA CONFIRMA A IGREJA NO BRASIL
 Pe Cleto Caliman, SDB página 343
- ANCHIETA, UM HOMEM PARA O HOMEM TODO
 Pe. Marcello de Carvalho Azevedo. S) pagina 362

CONVERGÊNCIA Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)

Diretor-Responsável: Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável: Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração: Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1980:

Brasil, taxa única (via	
terrestre ou aérea)Cr\$	420.00
Exterior: marítimaUS\$	
Exterior: aéreaUS\$	
Número avulso Cr\$	

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20211 Rio de Janeiro — RJ.

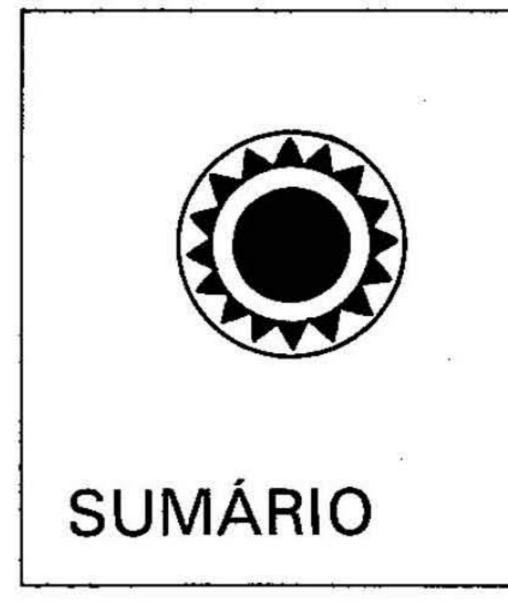
Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

Creio que Você pode descobrir, sem grande esforço, algo como um pássaro voando e pousando. Ao tentar materializar esta figuração mental, num traço imutável e dinâmico, pensei nisto: (1º) Uma andorinha não faz verão. 1980 é o ano da XII Assembléia Geral Ordinária Eletiva da CRB cujo tema central é "Libertar para a COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO". Vencer a tentação do alheamento. Esta coisa estranha: o homem sozinho, a solução individual. Dar-se as mãos. Encontrar-se é, de uma vez só, fator de estabilidade e força de transformação. (2º) A Igreja Latino-Americana decidiu, mais uma vez, em Puebla, sua opção preferencial pelo pobre. A Campanha da Fraternidade da Igreja, no Brasil, ressalta, neste ano, a figura do Migrante. O pássaro é bem o símbolo do pobre e de quem não tem destino certo. Ora para frente, ora para o norte, ora para trás, ao sabor das correntes da sorte. (3º)

Esta palavra de esperança: "Ninguém tem morada definitiva no tempo" (Hbr 13, 14; Miq 2, 10). Todos andam em busca de horizonte mais alto. Sentimos a dor do incompleto. COMUNHÃO, PARTICIPAÇÃO, POBRE, um FUTURO fora do tempo, pontos de linhas medulares de interpretação da fenomenologia de nossa Vida Religiosa. CONVERGENCIA quer confirmar, em Você, a sensação de que não estamos parados. E estamos no rumo certo.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.



Ø . €0	
INFORME DA CRB	323
JOÃO PAULO II ÀS RELIGIOSAS	328
JOÃO PAULO II AOS RELIGIOSOS	334
TRÊS SAUDAÇÕES	
AO PAPA JOÃO PAULO II	339
O PAPA CONFIRMA A IGREJA	
NO BRASIL, Pe. Cleto Caliman, SDB	343
A VISITA DO PAPA	
Pe. João Batista Libânio, SJ	350
JOÃO PAULO II: RELIGIÃO	
E TRANSFORMAÇÃO	
Fr. Leonardo Boff, OFM	357
ANCHIETA, UM HOMEM	
PARA O HOMEM TODO	
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ	362
MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO	
PROMOCIONAL DO E. SANTO	
	368
LIVROS NOVOS	381
7.9	

EDITORIAL

Durante 12 dias João Paulo II ocupou intensamente a vida diária dos brasileiros. Sua presença contínua nas nossas praças e estádios, nas nossas avenidas e estradas, nas revistas, nos jornais e, sobretudo, em nossas Casas, através da televisão, passou a ser uma componente indispensável e familiar da nossa convivência diária. Nós nos acostumamos logo a esta presença amiga e próxima, profundamente humana e sensível, do hóspede querido que se fez o irmão de todos. E quando ele se despediu em Manaus com o seu "até logo", experimentamos, junto com a saudade, a certeza de que João Paulo II tinha deixado de ser para o nosso povo um nome entre outros na lista das pessoas importantes.

Este encontro de João Paulo II com a nossa Igreja e com o nosso povo teve, fortes incidências cujas repercussões iremos sentindo ao longo de nossa caminhada. Hoje, a algumas semanas de distância da visita histórica, cada um de nós tenta fazer o seu "balanço" deste acontecimento e integrar na própria experiência de cristão, os fatos e as mensagens registrados ao longo daqueles dias. E ficam muitas perguntas que todos nos fazemos, e cujas respostas teremos que ir encontrando, a partir daquilo que o Papa Wojtylla nos deixou, numa

densa mensagem, composta de muitos discursos, mas sobretudo, de gestos profundamente significativos.

Convergência dedica neste seu número de julho/agosto um amplo espaço a este acontecimento. Transcrevemos o texto dos discursos que o Santo Padre dirigiu às Religiosas e Religiosos do Brasil, nos dois encontros de São Paulo: o do Ibirapuera, e o do Colégio Santo Américo. Nesta mensagem específica para a Vida Religiosa, o Papa ressalta a importância da identidade do projeto religioso na vida da Igreja e estimula a todos a viverem a originalidade desta vocação em estreita comunhão com suas Igrejas Particulares e numa fidelidade total às suas origens carismáticas. Transcrevemos também a saudação que lhe foi dirigida por ocasião destes encontros, pela Ir. Maria de Fátima Maron Ramos, OSU, Presidente do Conselho Superior da CRB Nacional, pela Irmã Maria Teresa de Amoroso Lima, Abadessa da Abadia de Santa Maria e pelo Padre Décio Batista Teixeira, SDB, Presidente Nacional da CRB, e que procuraram dar ao Santo Padre uma visão, breve mas incisiva, da realidade da Vida Religiosa no país e das tendências mais significativas que vão marcando a sua caminhada hoje.

O Pe. Cleto Caliman, SDB, no seu artigo "O Papa confirma a Igreja no Brasil", faz uma análise profunda e serena do significado da visita de João Paulo II ao Bra-

sil, distinguindo as duas visões a partir das quais este acontecimento foi vivenciado — a estritamente política, e a de Fé —, e mostrando como podem e devem ser combinadas entre si, para "levar adiante a visita do Papa e torná-la acontecimento permanente".

O artigo do Pe. João Batista Libânio, S.J. — "A visita do Papa" — focaliza especialmente o significado desta visita, na sua globalidade, para a Vida Religiosa: "Que está dizendo o Papa para nós com sua presença, com seus discursos, com seus gestos?" pergunta-se o Pe. Libânio. E procura destacar, na sua resposta, os "pontos importantes" para Vida Religiosa que o Papa afirmou nos seus discursos e entre os quais figuram:

- -- o novo enfoque com que ele trata o tema das "comunidades inseridas";
- a importância que atribui a uma colaboração estreita e profícua entre a Conferência Nacional dos Bispos e a Conferência dos Religiosos;
- o destaque que dá ao tema da identidade da vocação religiosa na Igreja.

Frei Leonardo Boff, OFM, focaliza no seu artigo, "João Paulo II: Religião e transformação", a força da personalidade de João Paulo II e a mensagem que esta personalidade irradia e que se poderia resumir assim: "ser religioso e cristão é fonte de radical humanidade, sensibilidade para o drama dos mais necessitados, amor sincero para com todos os homens".

Está em estreita relação com a visita do Papa ao Brasil, outro acontecimento significativo para a Igreja universal e, de modo particular, para a Igreja do Brasil: a recente beatificação de José de Anchieta.

Este acontecimento é visto e focalizado pelo Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, S. J., sob um ângulo específico, o antropológico. Seu artigo, "Anchieta, um homem para o homem todo", parte de uma análise da obra realizada por Anchieta, para pôr em evidência a verdadeira figura deste missionário dos nossos primórdios, "figura sugestiva e de muita inspiração para a solução de problemas e situações que nos afligem, justamente como conseqüência das aberrações de tempos que se pretendem modernos, mas que sepultaram valores permanentes do homem, valores que as populações não contaminadas, por nós chamadas de primitivas, nos podem oferecer".

Oferecemos, finalmente aos nossos leitores as grandes linhas do "Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo", trabalho apresentado pelo Pe. Umberto Pietrogrande, S. J., na XII Assembléia Geral Ordinária da CRB, no Espaço dedicado à Comunicação de experiências.

Ir. Maria Carmelita de Freitas, Fi

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

GRUPO DE REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO

- 1. O Grupo de Reflexão sobre a Educação da CRB Nacional além de dar continuidade ao I Seminário Nacional sobre o Religioso Educador realizado em 1979 (ver CONVERGÊNCIA, abril/80, página 176 ss), está também preparando o II Seminário que se efetuará de 1 a 5 de outubro, no Rio de Janeiro, RJ. Para isso, todos os meses se reúne na sede da CRB Nacional.
- 2. Motivados pelo I Seminário sobre o Religioso Educador estão surgindo outros grupos de reflexão sobre a educação nos Regionais:
- GRE NE-2 formado por religiosos dos Estados de Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, eleitos na Assembléia da CRN NE-2, realizada de 17 a 19 de março de 1980, para refletir sobre o Religioso Educador, face às opções de Puebla. O GRE NE-2 já promoveu duas reuniões e uma das quais refletiu sobre a Evangelização da classe média.
- GRE Sul-4 (sic). Dezesseis Congregações que possuem Colégios em Porto Alegre, a pedido dos respectivos Provinciais, constituíram um grupo para re-

- flexão e elaboração de um Projeto Educativo, segundo Puebla. O referido grupo já realizou 14 reuniões para esta finalidade.
- GREP Leste-1. Grupo de reflexão sobre a educação popular, sito em Belo Horizonte, Minas Gerais, busca novas alternativas em educação a partir de uma experiência piloto na periferia de Belo Horizonte e de outra experiência denominada "Fé e Alegria" existente em vários países latino-americanos, sobretudo Colômbia.
- GRE (SP). Os participantes do primeiro seminário se reuniram em São Paulo por duas vezes, numa das quais convocando vários colégios da região para refletir sobre educação libertadora, seguindo o roteiro do Pe. Tarcísio Scaramuzza, SDB (ver CONVERGÊNCIA, janeiro/fevereiro 1979).
- 3. Em preparação à Assembléia da CRB Nacional, em julho, e ao II Seminário, o GRE tem realizado vários levantamentos estatísticos sobre a Educação além de um extenso questionário aos participantes do I Seminário.

ENCONTRO DE EDUCADORES EM SÃO PAULO

Um grupo de São Paulo que participou do I Seminário de Religiosos Educadores procurou continuar unido e refletindo. Dia 22 de dezembro de 1979, nos reunimos no Colégio São Luís. Decidimos realizar uma reunião para nossos colégios no dia 8 de março, no Colégio São Luís. Essa reunião foi realizada. Houve uns 80 participantes de 17 colégios seja da capital seja do interior. Distribuímos antecipadamente o artigo Educação Libertadora, do Pe. Tarcísio Scaramuzza, SDB, conforme CON-VERGÊNCIA, janeiro/fevereiro de 1979. O dia se passou compartilhando em grupos e plenário sobre este artigo.

Dom Luciano Mendes compareceu e disse algumas palavras aos participantes na parte da tarde. Os participantes eram diretores ou pessoas de coordenação, eram religiosos e leigos. No fim da reunião (foi das 9 às 17 horas), houve avaliação. Todos se disseram satisfeitos do dia e marcamos um próximo encontro para o dia 30 de agosto ainda no

Colégio São Luís. A finalidade será compartilhar o que se fez no sentido da educação libertadora nos nossos colégios durante o primeiro semestre de 1980.

É uma iniciativa livre, voluntária, fora (não contra) dos quadros habituais (AEC e/ou CRB). Acredito que é uma maneira "da práxis chegar à teoria..." pouco a pouco. Acredito sempre mais que a educação libertadora não é só problema da escola. É problema da religião, da paróquia, do hospital, da comunidade religiosa, dos grupos de jovens, até do trabalho na periferia. O sistema não penetra só na escola. Por tudo isso louvo a CRB por ter reativado o GRE e preparar outro Seminário para este ano.

Ir. Gilles Ferland, SC

SÍNTESE DOS RELATÓRIOS APRESENTADOS NO PLENÁRIO DO ENCONTRO DE EDUCADORES EM SÃO PAULO DO DIA 8 DE MARÇO DE 1980

1. O que achou mais significativo no texto?

- Questionamento: Qual o nosso objetivo em educação? Criar um homem novo e uma nova sociedade como pede o Evangelho, ou satisfazer a clientela, quase sempre alimentando valores antievangélicos?
- Necessidade de transfosmação do sistema educacional. Para isso, é necessário unir forças em torno de uma outra opção fundamental em educação — a educação libertadora, aberta para o comunitário, para o serviço, cujo sujeito é o próprio educando.
- Dificuldades: não fomos educados para isso; o educador sofre a tendência de se acomodar; sempre corremos o risco de assimilar a classe social com a qual convivemos.

- --- Temos que aproveitar todas as oportunidades que aparecem no atual sistema para implantar a nova sociedade.
- 1.º Passo necessário conversão pessoal dos funcionários, professores e direção mudança de mentalidade e de atitudes (a linguagem não verbal é mais importante que a verbal). Se combato o opressor não posso oprimir. Saber deixar-se questionar. Converter-se para a fraternidade, para opção preferencial pelos pobres enfim, para um novo "lugar social".
- Importância da formação da consciência crítica.

2. Como poderla ser operacionalizado na Escola?

- Conscientização desejo de partir para uma renovação com participação de todos.
- Fazer um diagnóstico da realidade para colher dados que ajudem na aproximação ideológico-prática.
- --- Aplicar a "análise da prática educativa" do Pe. Libânio, SJ (3º vol. — Formação da Consciência Crítica).
- Aprofundamento da fé, assimilação do Evangelho — só assim entramos em processo de conversão e nos deixamos envolver pela Educação Libertadora que é baseada no Evangelho.
- Traçar objetivos claros baseados em critérios e valores Evangélicos.
- -- Fazer reuniões com os educadores do Colégio para conscientização, aprofundamento, avaliação; também para descobrir como aproveitar as "brechas" do sistema para implantar um mundo melhor.
- Formação de grupos comunitários
 só nos libertamos "em comunhão"...

- Selecionar professores e possibilitar-lhes formação e aprofundamento.
- -- Unir forças -- dentro da escola e entre escolas.
- Descobrir como transmitir valores evangélicos ao ministrar as disciplinas.
- Coerência do educador falar e agir.
 - Tratar o aluno como gente.
- Preocupar-se com a formação de atitudes.
- Formar a consciência crítica através de toda a ação educacional.
- Assumir com escola trabalho de ação comunitária junto a creche, favela, hospital, para com ação e reflexão, educar para a justiça, o serviço, a mudança de lugar social, para "deixar-se" converter pelo pobre.
- Integrar a escola na Pastoral da Igreja local.

ASSEMBLÉIA DE RELIGIOSOS / SC

Regional de Florianópolis

No dia dezoito de maio de mil novecentos e oltenta, teve lugar, no Colégio Coração de Jesus, a Assembléia arquidiocesana dos Religiosos, que contou com cento e noventa e sete elementos. O encontro concentrou-se em torno do tema Eucaristia e Migração que constituiu a essência e a beleza desse dia de reflexão. Para dar início à programação, realizou-se a procissão do Santíssimo Sacramento, trazido pelo Exmo. Senhor Arcebispo Metropolitano, Dom Afonso Nihues da Capela do Provincialado até a Capela do Colégio Coração de Jesus, momento em que a Comunidade presente e reunida recebeu a Bênção do San-

tíssimo. Após este ato litúrgico, todos se serviram de um gostoso cafezinho que, além de fortalecer o corpo, serviu para entrosar o grupo, trazendo a ele minutos de alegria. Continuando, Padre Jairo A. da Silva fez uso da palavra, para expor à platéia o oitavo Piano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis. O palestrante conseguiu dar uma completa visão do assunto e bem frisou os objetivos gerals e específicos a que se proporia o referido Piano. Foram igualmente bem enfatizadas as Prioridades da Arquidiocese que, de acordo com o Plano, se sintetizam no trinômio "Catequese", "Família", "Grupos de Reflexão".

As onze horas, todos se dirigiram à Capela do Colégio, para o singular acontecimento da Celebração Eucarística, ponto alto do domingo. A Missa foi concelebrada por Dom Afonso Nihues e cinco sacerdotes. Foi este, sem dúvida, o ato mais importante, o momento sempre novo e rico, forte, suficiente e poderoso, capaz de, dia a dia, marcar e transformar. Após o Banquete Eucarístico, o banquete dos homens, a hora do almoço, feito de horas alegres, conversas informais, risos descontraídos, alimentos compartilhados. Dando sequência à programação, fez-se a exposição do Plano de Ação da CRB de S.C., por Irmã Augusta Neotti, Secretária Executiva do Regional. Seguindo, veio a hora do lazer: Brincadeiras, rifas de pequenas prendas e outras surpresas fizeram o grupo recrear-se, espairecer e descansar um

pouco. Finalizando, fez-se um agradecimento pela presença de todos, por toda colaboração, todos os depoimentos, todas as palavras proferidas, contribuições dadas, participação e interesse de cada um, apoio especial de Dom Afonso. Deixando o local do encontro, às 14 horas, todos saíram cantando "Pelas estradas da vida". E cada um partiu para a sua estrada, para a sua vida, mais uma vez ciente, acreditamos, de que em cada caminho, o "Pão Vivo e Celeste" nutre, consola e enriquece o "valente vagueiro", o "feliz violeiro", o consciente religioso, que vai ajudar a responder ao homem a filosófica pergunta: "Para onde vais?", e "Donde Vens?", que vai colocar na solução deste problema o alimento dos fortes, a Eucaristia, a condição da nossa maturação em Cristo.

Irmã Maria Rosina Petry

FALECEU A FUNDADORA DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS MÉDICAS

A MADRE ANNA DENGEL, Fundadora das Irmãs Missionárias Médicas, morreu no dia 17 de abril de 1980 na Casa Generalícia em Roma, Itália. Nascida no Tirol, na Áustria, no dia 16 de março de 1882, Anna Dengel foi educada na Austria, França e Irlanda. Depois de sua formação como médica, ela foi primeiramente à Índia em 1920, para trabalhar como Médico-Diretor num hospital para mulheres e crianças em Rawalpindi, Îndia (agora Paquistão). A necessidade de atenção médica para a população ali, especialmente as mulheres Mussulmanas cuja religião não permitia receber atenção médica de homens, causou tanta impressão em Anna Dengel que ela resolveu levar a causa destas mulheres do Oriente às mulheres do Ocidente. Suas viagens a levou a Inglaterra e aos Estados Unidos da América.

No dia 30 de setembro de 1925, Dra. Anna Dengel fundou a Congregação das Irmãs Missionárias Médicas em Washington D.C. nos Estados Unidos. A congregação se formou e foi estruturada para às necessidades das mulheres do Norte da Índia e levar a elas a Boa Nova do amor de Cristo para todos. Foi chamada uma "Santa Experiência" porque naquele tempo, religiosas eram proibidas de estudar e trabalhar na Medicina, inclusive Obstetricia e Cirurgia. O pequeno grupo de duas médicas e duas enfermeiras começaram portanto sua vida comunitária sem o privilégio dos votos religiosos públicos. Em 1936, este privilégio foi finalmente concedido por Roma à Congregação.

Durante estes últimos 55 anos, a Congregação cresceu e se expandiu a outros países asiáticos e também para Europa, África e América Latina. Hoje há aproximadamente 700 irmãs trabalhando em 30 países. Na América Latina, se encontram no Brasil, Venezuela, Peru e Nicarágua. Há 15 Irmãs no Brasil trabalhando nas Dioceses de Rubiataba em Goiás, Belém e Santarém, no Pará, Juazeiro em Bahia, Petrolina em Pernambuco e Minas Gerais.

O trabalho das Irmãs se focalizou inicialmente na medicina curativa hospitalar. Enfase foi sempre colocada no treinamento de enfermeiras e educação de pessoal para-médico. Nos últimos 20 anos, o trabalho das Irmãs foi evoluindo de uma medicina predominantemente curativa dentro de instituições para um trabalho de saúde pública e programas de saúde comunitários. Consciente que a falta de saúde tem raízes profundas sócio-econômicas, a ênfase do apostolado é agora ajudar a reivindicação e promoção de saúde pela própria comunidade como seu direito e responsabilidade. Há uma reflexão contínua sobre o que deve ser o apostolado de saúde frente às necessidades do mundo contemporâneo.

Frente às injustiças globais e da interrelação que existe entre muitos dos males no mundo de hoje, as Irmãs desta
Congregação internacional ampliaram as
dimensões do seu apostolado ao campo social, trabalhando com outros que
lutam pela liberdade, justiça e amor na
transformação do mundo.

Homens e mulheres cristãos e não cristãos, em muitas partes do mundo se lembrarão com gratidão de Anna Dengel pela sua visão e iniciativa prática que trouxe para eles dignidade, saúde e apoio em suas aspirações por um mundo melhor.

Em breve, esta é a história da "Santa Experiência", a história do crescimento e desenvolvimento da fundação da primeira congregação de religiosas dedicadas a trazer cuidados médicos profissionais aos enfermos no campo missionário da Igreja.

JOÃO PAULO II ÀS RELIGIOSAS DO BRASIL

Após as saudações da Irmã Maria Teresa de Amoroso Lima, Abadessa da Abadia de Santa Maria, São Paulo, SP, e da Irmã Maria de Fátima Maron Ramos, OSU, Provincial das Irmãs Ursulinas e Presidente do Conselho Superior da CRB Nacional, o PAPA JOÃO PAULO II fez este discurso para as Religiosas, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, SP, no dia 3 de julho.

Queridas filhas em Cristo:

É motivo de grande alegria para mim este encontro convosco. Vós sois, como religiosas, riqueza e tesouro da Igreja e, ao mesmo tempo, uma base sólida para a evangelização e um ponto de referência importante para o povo cristão, encorajado na sua fé pela forma como viveis a vossa. Em vós saúdo cordialmente todas as religiosas do Brasil.

Minha alegria cresce no contato com vosso entusiasmo contagiante, próprio de uma Nação de jovens, e coerente com as características do otimismo brasileiro, vivo e generoso. Regozijo-me também por saber que a história da Igreja no Brasil é ligada por laços muito profundos à atividade constante e variada de um grande número de religiosas. Ao agradecer-vos pela vossa presença aqui, convido-vos a agradecer comigo a "Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo... e que nos escolheu para sermos santos e imaculados diante dos seus olhos" (cf. Ef 1, 3-4).

Meu maior desejo é que o presente encontro com o Papa possa constituir para vós e vossas famílias religiosas um incentivo e um reconforto para a vossa sublime vocação e para o vosso empenho em aprofundar o seu valor essencial de testemunho privilegiado da caridade, em adesão a Deus e às exigências do seu Reino.

Não seria necessário dizer-vos a grande e sincera confiança que a Igreja deposita em vós: no vosso estado de religiosas, na vossa presença e na vossa missão. Conheceis os motivos desta confiança: pela vossa vida de oração, sois sinal do absoluto de Deus e da importância da contemplação; pela vossa

disponibilidade sempre pronta, sois uma ponta de lança para as urgências missionárias; e pela vossa vida em fraternidade, sois afirmação de comunhão e de participação, em apelo para se viver a dimensão comunitária da Igreja. Vós sois uma expressão particular do mistério da mesma Igreja, na sua inserção no tempo, vital, concreta e adaptada, e na sua universalidade.

Vós sabeis que, para manter bem nítida a percepção do valor da vida consagrada, é necessária uma profunda visão de fé, apoiando a vossa generosidade e iluminando o vosso contínuo aperfeiçoamento na caridade. E para isto é preciso o diálogo com Deus na oração. Sem a oração, a vida religiosa perde o seu significado e não alcança os seus objetivos. Importa orar sempre para vivificar o dom de Deus.

Quanto a isto, foi o mesmo Senhor que nos preveniu. Para nos inculcar bem esta verdade, ele usou duas imagens expressivas: "Eu sou a videira e vós os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15,5). E outra vez, depois de dizer que aqueles que O seguem hão de ser "sal da terra", Ele concluía: "O sal é uma coisa boa; mas se ele perder o sabor... não servirá sequer para adubo, mas lança-se fora" (Lc 14, 35). Nós sabemos que o melhor de nós mesmos, o gosto de Deus, que devemos difundir na suavidade do testemunho de caridade, passa por Cristo e é discreta e continuamente revigorado em nós pela presença e ação do Espírito Santo, solicitada e secundada conscientemente na oração sem desfalecimentos, sob todas as suas formas individual, comunitária e litúrgica. Isto é muito importante, para sermos eficaz "sinal" de Deus.

Aqui vem a propósito, dada a natureza de Corpo de Cristo que é a Igreja (cf. 1 Cor 12, 2), realçar o papel desempenhado na evangelização pelas religiosas consagradas à oração, ao silêncio, ao sacrifício escondido e à penitência. A sua vida tem um maravilhoso e misterioso poder de fecundidade apostólica (cf. Decr. Pertectae Caritatis, n.º 7). Apraz-me repetir-vos hoje o que dizia há um mês atrás no Carmelo de Lisieux, na França — e repito-o, pensando em todas as religiosas contemplativas do Brasil: "a vossa oblação de amor é integrada pelo próprio Cristo na sua obra de redenção universal, à maneira das ondas que se perdem nas profundidades do oceano". Vivei a dimensão missionária da vossa consagração, à semelhança de Santa Teresinha do Menino Jesus!

Entretanto, todas as formas de vida religiosa têm um espaço para a contemplação, necessário para os membros poderem acolher de modo profundo os apelos, necessidades e dificuldades dos irmãos, na caridade genuína de Cristo.

Fazendo brilhar a luz do testemunho de uma tal caridade diante dos homens, não se há de esquecer que ele se reveste sempre de um caráter particular: vós estais no mundo sem ser do mundo; e é precisamente a vossa consagração que, longe de empobrecer, caracteriza o vosso testemunho cris-

tão. O vosso compromisso de viver os conselhos evangélicos vos torna mais disponíveis para esse testemunho. Efetivamente, não sois menos livres por obedecer e nem menos capazes de amar por haver escolhido a virgindade consagrada, até pelo contrário; e pelo voto de pobreza, que vos compromete a seguir Cristo pobre, podeis compreender melhor e compartilhar os dramas lancinantes daqueles que se acham desprovidos de tudo.

Importa, no entanto, que a pobreza seja genuinamente evangélica para se reconhecer Cristo nos "mais pequeninos"; importa saber identificar-se com o irmão necessitado, sendo "pobre em espírito" (cf. Mt 5, 3); ora, isto exige simplicidade e humildade, amor à paz, liberdade com relação a compromissos ou apegos dispersivos, disposição para uma total abnegação, livre e obediente, espontâneo e constante, doce e forte nas certezas da fé.

Viveis a vossa consagração vinculadas a um instituto e numa comunidade fraterna, elementos muito importantes da vossa vida religiosa no mistério da Igreja, que é sempre mistério de comunhão e participação. Escolhestes "uma existência regulada por normas de vida livremente aceitas", num mundo e numa civilização que tendem a desterrar as pessoas de si mesmas e dispersá-las a tal ponto que, algumas vezes, fica comprometida a sua unidade espiritual, condição para a sua união com Deus.

Deus não permita que um excessivo desejo de maleabilidade e de espontaneidade leve alguém a tachar de rigidez obsoleta ou, o que seria pior ainda, abandonar aquele mínimo de regularidade nos costumes e na convivência fraterna, exigido normalmente pela vida em comunidade e pela maturação das pessoas (cf. Exort. Apost. Evangélica Testificatio, n.º 32). A fidelidade a tal mínimo dá a medida da identificação pessoal com a consagração por amor.

Assim, a todas incumbe manter a fidelidade à vida comunitária e contribuir para que ela seja lugar de encontro fraternal, ambiente de ajuda recíproca e de reconforto espiritual, um ambiente que cada uma deseja e procura, para fazer, como dizia um autor espiritual, uma "romaria" ao próprio coração (cf. Is, 46, 8) e para se retemperar em Deus.

Mesmo fora da comunidade, todas as atividades e contatos das religiosas têm sempre uma dimensão comunitária e pública: a vida religiosa é sempre um sinal visível da Igreja. Por isso, eu vos exorto a ser sempre e em toda a parte, pessoalmente, testemunhas visíveis da mesma Igreja e do seu Senhor, num mundo que, sob o pretexto de ser moderno, vai sempre mais adiante na "dessacralização": que todas as pessoas possam ver no vosso comportamento, apresentação e modo de vestir, um sinal com que Deus as interpela.

Na hora atual, neste belo País, como noutros também, muitas são as solicitações para as religiosas abraçarem atividades novas e lançarem experiências de novas inserções na vida e atividades da Igreja, ou mesmo em atividades temporais em setores diversificados.

Pode acontecer que se vejam negligenciadas as obras e atividades, às quais se dedicam tradicionalmente as vossas famílias religiosas. Não quero silenciar uma coisa bem simples e que todas sabeis; essas obras e atividades precisam de ser oportunamente renovadas, para melhor corresponderem à realidade atual do Brasil. Nunca se há de esquecer, no entanto, que as escolas, os hospitais, os centros de assistência e muitas outras iniciativas de há muito existentes para o serviço dos irmãos, em particular dos mais pobres, ou para o desenvolvimento cultural e espiritual das populações, conservam toda a sua atualidade.

Mais: se devida e oportunamente renovadas, segundo critérios sãos, tais obras e atividades continuam a demonstrar-se lugares privilegiados de evangelização, de testemunho da caridade autêntica e de promoção humana. É óbvio que o fundamental critério prudencial a seguir nas adaptações a novas exigências é sempre o do Evangelho: à luz dos "sinais dos tempos", focalizados na devida perspectiva, saber tirar "coisas novas e velhas" do rico tesouro de um passado feito de experiências.

Torna-se necessário, entretanto, abandonar algumas vezes obras ou atividades para poder dedicar-se a outras, inclusive de caráter mais pastoral; e para tal fim criam-se comunidades mais restritas, que precisam adotar novas formas de presença ao mundo dos homens. Conheço o esmero que pondes na busca e realização dessas novas formas de presença e só posso apreciar esse vosso empenho. Contudo, quereria recordar aqui convosco algumas das condições a observar sempre nessas novas experiências de vida religiosa.

Tais experiências devem ser conduzidas sempre num clima de oração. A alma que vive num habitual contato-presença com Deus e se deixa permear pelo calor de Sua caridade, com facilidade saberá:

- fugir da tentação de particularismos e de oposições, que em si mesmas comportam o risco de levar a penosas divisões;
- interpretar, à luz do Evangelho, a opção pelos pobres e por todas as vítimas do egoísmo dos homens, sem ceder ao radicalismo sócio-político que, mais tarde ou mais cedo, se demonstra inoportuno, produz efeitos contrários aos desejados e gera novas formas de opressão;
- aproximar-se das pessoas e inserir-se no ambiente, sem pôr em questão a própria identidade religiosa, nem esconder ou disfarçar a originalidade específica da sua vocação: seguir Cristo pobre, casto e obediente.

Além do clima de oração em que hão de realizar-se, essas experiências de novas inserções têm de ser preparadas por um estudo sério, em colaboração íntima com os superiores responsáveis e em diálogo constante com os bispos interessados. Assim se buscarão soluções acertadas, se há de proceder à preparação de planos e programas relacionados com as escolhas feitas e à

atuação de iniciativas, "calculando" e "examinando" primeiro, como diz o Senhor, as possibilidades de êxito (cf. Lc 14, 25 ss); isto, sem temer os riscos, como nos ensinam as "parábolas do reino os céus" (cf. Mt 13), e agindo sempre em conformidade com as exigências mais urgentes e segundo o caráter do Instituto.

Por fim, em todas estas novas fundações, importa agir sempre de acordo com as normas e as orientações dadas pela hierarquia, avaliando objetiva e equitativamente as experiências realizadas e aplicando-se humilde e corajosamente, quando é o caso, em corrigir, suspender ou orientar de maneira mais conveniente as experiências que se estão fazendo.

Em tudo e sempre na vida religiosa, para um seguro discernimento, é necessário comportar-se como filhas que amam a Igreja, seguindo os seus critérios e diretrizes, mediante uma adesão generosa e fiel ao magistério autêntico. Aí se encontra a garantia de fecundidade da vida e da atividade na consagração. Aí se encontra uma condição indispensável para uma adequada interpretação dos "sinais dos tempos". Vêm-me à mente, ao tocar este ponto, o que dizia o meu predecessor Paulo VI: a Igreja universal deve estar presente em cada comunidade eclesial, que tem sempre necessidade de respiração universal para não morrer de asfixia espiritual. A prometida fidelidade a Cristo nunca pode ser separada da fidelidade à Igreja. "Quem vos ouve é a Mim que ouve" (Lc 10, 16).

Neste ponto há um amplo campo de ação aberto às superioras e formadoras de institutos e de comunidades. Sua função as levará a procurar os meios melhores para promover aquilo que seguramente garante a união dos espíritos e dos corações. Nada disso se verificará sem rezar e agir para que todas as religiosas encontrem na consagração a realização mais alta da sua condição de pessoa e de mulher, para que os institutos e comunidades superem eventuais dificuldades de crescimento ou de perseverança e para que o ideal da vida consagrada exerça uma verdadeira atração sobre a juventude.

Uma palavra final às caríssimas religiosas que consagram a vida à contemplação e vivem no recolhimento e na clausura a sua vida religiosa. Vossa forma de vida, queridas filhas, vos coloca no coração do mistério da Igreja. Vossa vida pessoal tem centro no amor esponsal a Cristo. Por isso, modeladas pelo seu Espírito, deveis dar-lhe todo o vosso ser, tornando vossos os Seus próprios sentimentos, os Seus projetos e a sua missão de caridade e de salvação. Ora, isto não se confina dentro das quatro paredes dos mosteiros, mas diz respeito à grande história dos homens, onde se constrói a justiça, onde se cria a comunhão e participação nos bens materiais e espirituais, onde se procura instaurar a civilização do amor, onde, enfim, há de chegar, com a boa nova do Evangelho, a salvação de Deus.

Por isso, a vossa vida contemplativa é absolutamente vital para a Igreja e para a humanidade, não obstante a incompreensão ou mesmo oposição que as vezes transparece no pensamento moderno, na opinião pública e, quem

sabe, em certas franjas mal esclarecidas do cristianismo. Nesta certeza, vivei na alegria a radicalidade de vossa condição absolutamente original: o amor exclusivo do Senhor e, nEle, o amor de todos os vossos irmãos em humanidade. Aplicando vossa capacidade de amar na adoração e na prece, a vossa própria existência grifa silenciosamente o primado de Deus, atesta a dimensão transcendente da pessoa humana e leva os homens, as mulheres e os jovens a pensar e a interrogar-se sobre o sentido da vida.

Que os vossos mosteiros permaneçam lugares de paz e de interioridade, sem deixardes que pressões do exterior venham demolir as vossas sadias tradições e anular os vossos meios de cultivar e promover o recolhimento. E orai, orai muito pelos que também rezam, pelos que não podem rezar, pelos que não sabem rezar e pelos que não querem rezar. E tende confiança! Com essa palavra, o Papa deseja estimular a generosidade de todas as religiosas contemplativas do Brasil, seja qual for a sua família espiritual.

Caríssimas irmãs:

Trago no coração muitas outras coisas que gostaria de comunicar-vos, não fosse a falta de tempo. Renovo, pois, a todas a minha estima e confiança. A todas faço votos, para "que a vossa caridade vá crescendo cada vez mais, em ciência perfeita e em inteligência, a fim de que o discernimento das coisas úteis vos torne puras e irrepreensíveis" (cf. Flp 1, 9-10).

Uma tal "ciência perfeita" que de vós se espera, indicou-a o Espírito Santo nas palavras do Apóstolo: "Não saber outra coisa, a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado" (1 Cor 2, 2). Só Ele, Cristo, é princípio estável e centro permanente da missão que Deus vos confiou num mundo de contrastes: viver e testemunhar o Seu amor, mergulhando naquele mistério da economia divina que uniu a salvação e a graça com a Cruz (cf. Enc. Redemptor Hominis, n.º 11).

Ao abençoar-vos todas, de coração abençõo vossas famílias religiosas, vossa vida de generosa imolação, confiando-vos a Maria Santíssima, Mãe da Igreja e modelo de vossa vida consagrada. Contai com as orações do Papa. Acompanhai-o também com as vossas orações, sobretudo nestes dias de sua peregrinação apostólica pelo vosso querido Brasil.

JOÃO PAULO II AOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Após a saudação do Pe. Décio Batista Teixeira, SDB, Presidente Nacional da CRB, o PAPA JOÃO PAULO II fez este discurso para os Religiosos, no Colégio Santo Américo, em São Paulo, SP, no dia 3 de julho.

Queridos filhos chamados por Deus a uma especial consagração na Vida Religiosa:

Aquele que experimenta neste momento de sua peregrinação pelo Brasil a sincera alegria de um encontro convosco é o mesmo que, Arcebispo de Cracóvia, procurava todas as ocasiões para encontrar os Religiosos e Religiosas de sua Diocese e, Bispo de Roma, procura estar com eles, quer recebendos em sua casa, quer indo ao seu encontro nas visitas pastorais às Paróquias romanas. Faço-o por um duplo imperativo: porque convencido da eficácia dos Religiosos na vida e na ação pastoral da Igreja em todos os seus níveis e porque profundamente consciente do valor inestimável da vida religiosa em si mesma.

Que dizer a vós, religiosos brasileiros — brasileiros por nascimento ou por adoção — da presença dos Religiosos na ação pastoral da Igreja? Preparando-me interiormente para esta visita, debrucei-me com carinhosa atenção sobre a história da Igreja neste país e foi para mim uma revelação descobrir quanto esta se acha, em toda a sua extensão, vinculada — e às vezes se diria identificada — com a incansável atividade missionária de um sem número de religiosos de várias famílias. Religiosos são os primeiros apóstolos da terra apenas descoberta, e podemos citar em homenagem a todos eles, um dos maiores entre eles: José de Anchieta, cuja beatificação realizei com íntima e particular satisfação há menos de duas semanas. Religiosos foram a maioria dos sacerdotes consagrados à evangelização dos índios, à sua educação no pleno respeito à sua identidade e, cada vez que necessário, à sua defesa mesmo com sacrifício pessoal. Religiosos foram ainda hoje pouco mais da metade do clero brasileiro. E não sei de outro país que possa mencionar 193 religiosos entre os seus 343 Bispos, entre os quais dois cardeais da Santa Igreja, segundo estatística de 31.12.79.

Que dizer-vos mais? Vossa presença é para a Igreja no Brasil não um supérfluo facilmente dispensável, mas uma necessidade vital. Alguns pontos tornarão esta presença sempre mais eficaz:

Primeiro, que os religiosos sacerdotes se mostrem capazes de um leal e desinteressado entrosamento com os sacerdotes diocesanos cujas tarefas são chamados a partilhar não a título de exceção, mas de modo habitual.

Segundo, que os religiosos leigos aprendam sempre mais a inserir as próprias obras num plano de conjunto que é aquele de toda a Igreja, em nível quer diocesano, quer nacional.

Terceiro, que no espírito do documento "Mutuae Relationes", os Superiores Religiosos procurem, aceitem, cultivem diálogo franco e filial com os Pastores postos pelo Espírito de Deus para governar a sua Igreja. Neste sentido nunca se salientará demais a importância das relações entre a Conferência Nacional dos Bispos, a quem compete elaborar e estabelecer os planos de Pastoral para o país e a Conferência dos Religiosos que assume a tarefa de promover a vida, velando para que esta se mantenha fiel às suas raízes mais profundas e ao carisma que a caracteriza.

É aqui que tocamos no segundo aspecto: a identidade profunda da Vida Religiosa. Não é por ser útil à pastoral que a Vida Religiosa tem um lugar definido na Igreja e um valor incontestável. O contrário é que é verdade; ela presta um serviço eficaz à pastoral porque e enquanto se mantém inabalavelmente fiel ao lugar que ocupa na Igreja e aos carismas que definem este lugar.

Impossível tentar aqui até mesmo um resumo de teologia da vida religiosa. Mas não será demais, quase como lembrança viva deste encontro com o Papa, recordar alguns aspectos.

O primeiro, que encontra o consenso universal e não é sequer objeto de debates é que quando falamos de vida religiosa nos referimos a algo de muito precioso na experiência da Igreja ao menos no que concerne aos elementos essenciais.

Cada cristão tem a plena e legítima liberdade, segundo a própria consciência, de entrar ou não na vida religiosa. Mas não lhe cabe definir ou redimensionar, prescindindo da vida e da história e, repito, da bimilenar experiência da Igreja, o que é essencial na vida religiosa.

Este essencial foi há pouco tempo reafirmado pelo Concílio e por documentos consagrados à sua autêntica interpretação nesta matéria. Conheceis bem este essencial:

Primeiro: A vida religiosa é uma "Schola Dominici servitii", segundo a bela fórmula de São Bento (Regula, Pr. 45), um aplicado, amoroso, perse-

verante aprendizado de quem só pretende uma coisa na vida: Servir ao Senhor. Na perspectiva deste serviço se alinham todas as outras dimensões da vida religiosa tais como as sublinha o Concílio Vaticano II.

Segundo: A vida religiosa, ensina o Concílio, não se coloca na Igreja no plano das estruturas institucionais (não é um grau hierárquico nem se acrescenta como um terceiro elemento entre os Pastores e os leigos) mas na linha dos carismas e mais exatamente no dinamismo daquela santidade que é a vocação primordial da Igreja. A razão primeira pela qual um cristão se faz religioso não é para assumir na Igreja um posto, uma responsabilidade ou uma tarefa, mas para santificar-se. Esta é a sua tarefa e a sua responsabilidade; "o resto lhe será dado por acréscimo". Este é seu serviço à Igreja: ela precisa desta escola de santidade para realizar concretamente sua própria vocação de santidade.

Terceiro: Se o testemunho que se espera do leigo é o da secularidade, da ação nas realidades temporais, o testemunho conatural à vida religiosa em geral e a cada religioso em particular é o das bem-aventuranças vividas no quotidiano; o do Absoluto de Deus, diante do qual tudo o mais, mesmo os mais importantes empenhos temporais, se tornam visceralmente relativos; é por conseguinte o testemunho do invisível e finalmente o da Parusia a ser vivida em esperança já nesta vida.

Quarto: Para tudo isto revela-se importante na vida religiosa a consagração total que cada religioso faz de si mesmo a Deus pelos votos que atualizam na vida dele os Conselhos Evangélicos. Esta consagração total significará para ele a libertação mais profunda e genuína, mais plena que o levará à maior comunhão com Deus e com os irmãos, maior participação na vida divina e na comunidade dos homens, a começar pela comunidade dos que com ele procuram a face de Deus. Esta consagração total traz consigo, como conseqüência uma disponibilidade total. A Igreja sempre experimentou, no curso de sua história, que podia contar com os religiosos, para as mais delicadas missões.

Quinto: De tudo o que precede, decorre que um religioso não poderia não ser um homem de oração, um grande orante. Isto vale para os contemplativos, mas vale também para qualquer religioso.

À luz desse essencial, e aplicando concretamente alguns de seus aspectos, quero dizer-vos, amados irmãos e filhos, umas poucas palavras de alento e de estímulo para vós.

Em primeiro lugar, recordo que a Igreja em vários documentos falou da renovação da Vida Religiosa. Creio supérfluo frisar que, para ser sadia e corresponder ao pensamento da Igreja, e portanto ao desígnio de Deus, essa renovação não pode absolutizar-se, tornando-se finalidade de si mesma e prescindindo dos critérios válidos. Dois critérios, entre outros, aparecem como os mais importantes: o primeiro é que a vida religiosa (e concretamente

cada comunidade religiosa) não se renova de verdade se o escopo da renovação é na prática a procura do mais fácil e mais cômodo, mas somente se esse escopo é a busca do mais autêntico e do mais coerente com as finalidades da mesma vida religiosa; o segundo critério é que a vida religiosa se renova para se tornar mais ainda caminho de santidade. Aqui se aplica de modo particularmente palpável a sentença do Senhor, de que "pelos frutos se conhece a árvore". No que depende de nós, teremos de fazer tudo para que não se possa dizer que a renovação da vida religiosa conduziu ao seu relaxamento e finalmente à sua dissolução.

À luz desses critérios, devo dizer-vos: realizai com humildade a desejada renovação da vida religiosa. Ela merece os mais sérios esforços das famílias religiosas e das Conferências de Religiosos de todos os níveis.

Em segundo lugar gostaria de assinalar a originalidade da presença do religioso no mundo. Já alguma vez se esquematizou assim este ponto: há duas formas de presença ao mundo: uma física, direta, material, outra invisível e espiritual mas nem por isso menos real. Os leigos, para assegurarem sua vocação de presença física ao mundo, têm necessidade de forte seiva que lhes vem justamente da presença espiritual dos religiosos e sentiriam falta dela se, pela "embriaguez do mergulho no mundo" os religiosos acabassem por negar à Igreja a contribuição daquilo que lhes é próprio. Não é um convite à alienação; é antes um convite a pensar que na Igreja, segundo o conceito de São Paulo, continua a ser importante a nítida diferença (e não a confusão) e a valiosa complementariedade (e não isolamento) dos carismas e vocações. Não será jamais fecunda a longo alcance (mas o será mesmo numa linha de imediatismo?) uma presença de religiosos nos combates temporais se é a preço dos valores essenciais, mesmo os mais humildes, da vida religiosa.

Terceira reflexão: numa procura de entrosamento torna-se frequente a tentação de dissolver ao máximo, quase até à extinção, aquilo que caracteriza e dá um rosto à vida religiosa e aos religiosos. Parece evidente que isto não é positivo nem para a vida religiosa nem para o entrosamento: um sacerdote religioso imerso na pastoral ao lado de sacerdotes diocesanos, deveria mostrar claramente por suas atitudes que é religioso. A comunidade deveria poder percebê-lo. O mesmo se diria de um religioso não sacerdote ou de uma religiosa, no respectivo entrosamento com leigos.

Última reflexão, na mesma linha do precedente: não é irreal nem remota em religiosos e religiosas a tentação de abandonar os traços característicos da própria família religiosa para se confundir com os outros, e de deixar as obras que realizavam para dar-se ao que se convencionou chamar a "pastoral direta". Os fatos parece que já começam a mostrar que a riqueza espiritual da Igreja e de seu serviço ao homem reside na variedade. Há empobrecimento e depauperamento cada vez que todos, sob pretexto de unidade ou impressionados por uma certa prioridade, se põem a fazer a mesma coisa.

Oxalá os religiosos pudessem ajudar a Igreja a continuar presente nos mais vários campos da sua missão pastoral: educação, assistência, cuidado dos doentes, atendimento aos órfãos, exercícios de caridade, etc.

Estou certo de que a comunidade humana em geral, além da comunidade eclesial, será grata por isto à vida religiosa.

Não me resta senão abençoar-vos em nome do Senhor. Ao fazê-lo peço ao mesmo Senhor que vós sejais, no meio dos homens e para o bem destes, testemunhas e anunciadores das "mirabilia Dei" e das "investigabiles divitias Christi".

TRÊS SAUDAÇÕES AO PAPA JOÃO PAULO II

Durante sua visita ao Brasil, o PAPA JOÃO PAULO II se reuniu com os Religiosos e Religiosas, em São Paulo, SP, no dia 3 de julho. Nesta ocasião, saudaram-no, em nome das Religiosas, a Irmã Maria Teresa de Amoroso Lima, Abadessa da Abadia de Santa Maria, em São Paulo, e a Irmã Maria de Fátima Maron Ramos, Provincial das Irmãs Ursulinas e Presidente do Conselho Superior da CRB Nacional. Em nome dos Religiosos, saudou-o o Pe. Décio Batista Teixeira, SDB, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil. Leia os textos destas saudações nestas páginas seguintes.

Santíssimo Padre:

Há dois mil anos atrás, alguém chamou baixinho uma certa Maria de Betânia, dizendo: "O Senhor está aqui, e te chama" (Jo 11,28) e ela ergueu-se logo e foi ao seu encontro (Jo 11,29). Hoje, todas nós ouvimos semelhante convite: "João Paulo II está aqui, e vos chama". E saímos apressadamente de nossas clausuras monásticas e viemos ao vosso encontro. Porque também vós "tendes palavras de vida eterna" (Jo 6,68), e vossas palavras, inspiradas pelo Espírito Santo, são para nós regra de conduta, impulso de vida, centelhas de eternidade.

São 104 casas contemplativas de todo o Brasil que aqui se acham representadas hoje, para saudar Vossa Santidade, nesta Arquidiocese do Apóstolo Paulo, a cuja testa se encontra um novo apóstolo do Século XX, nosso grande pastor, Dom Pau-

lo Evaristo Arns. Aqui estamos para saudar Vossa Santidade. Aqui estamos para repetir e renovar nossa profissão de fé, parodiando Marta, irmã de Maria, ao dizer: "Sim, João Paulo II, nós cremos que sois o Cristo visível nesta terra, aquele que quis vir ao nosso mundo" (Jo 11, 27). E nós vos louvamos, nós vos bendizemos, nós vos agradecemos, nós vos pedimos que conteis conosco para servir a esta Igreja, da qual sois a cabeça, e para amar a este Cristo, de quem sois o representante visível nesta terra.

Santíssimo Padre, quando a noite subimos aos terraços de nossos mosteiros para rezar o terço, a primeira das contas que encontramos, ao curvarmos nossas cabeças sobre os dedos, é a conta maior do Nosso Senhor. As três seguintes, são as de Maria. Se volvemos depois os olhos para o céu brasileiro, as duas maio-

res constelações que avistamos são o Cruzeiro do Sul, imagem de Cristo na cruz, e perto dela, uma pequena fila de estrelas a que o povo chama de Três Marias.

É dessas três estrelas de Maria aos pés da cruz de Jesus que recebemos os três sinais de nossa vida de monjas contemplativas: ouvir, guardar e servir.

Ouvimos, como Maria de Betânia ouvia, calada, sentada aos pés do Senhor, as palavras que saíam de sua boca, e recebeu dos lábios divinos a mais carinhosa das recompensas: "Maria, você escolheu a melhor parte" (Lc 10,42). Guardamos, como Maria de Nazaré guardou, não apenas em sua casa, mas em seu próprio seio, o verbo de Deus encarnado, e depois, em seu humano coração de mãe, "todas estas coisas" (Lc 2,51), que nem sempre lhe era dado compreender. É o tesouro da palavra de Deus que guardamos em nossos silêncios e em nossa reclusão de monjas. Mas, se ouvimos, como Maria de Betânia ouvia, e se guardamos, como Maria de Nazaré guardava, a palavra do Pai, não é apenas para nosso uso e satisfação, mas, acima de tudo, para servir aos nossos semelhantes, para levar aos mais pobres, aos mais humildes, aos mais carentes das cidades, das periferias, dos campos e das montanhas, o apoio em suas caminhadas, o alívio em seus sofrimentos, a libertação em seus anseios, e a alegria de se saberem, também, unidos ao Pai.

Santíssimo Padre, dirijo-me à Vossa Santidade em nome de todas as Marias contemplativas deste Brasil. Ao agradecermos, do fundo de

nossos corações, de nossas orações e de nossas solidões monásticas, a bênção inestimável de vossa presença entre nós, renovamos hoje os nossos votos e os colocamos aos vossos pés, neste propósito de sempre, e por toda a vida sermos fiéis ao nosso tríplice compromisso de ouvir e guardar para servir.

Que para tanto nos ajude e ilumine a Santa Mãe de Deus, a Virgem Maria.

Ir. Maria Teresa de Amoroso Lima Abadessa da Abadia de S. Maria, SP

Santo Padre:

O acontecimento de fé que agora confirma 120 milhões de brasileiros é fundamento de Unidade. Ele faz convergir para vós, "Petrus", a oração de toda a Igreja, oração que é também aquela de 50 mil religiosos e religiosas e membros de Institutos Seculares, de cuja expressão da mais profunda comunhão de Fé, Estima e Fidelidade sou portadora. Somos felizes por vos receber, ouvir, seguir. Felizes por confessar, publicamente, nossa Fé e nosso Amor a Jesus Cristo, de quem sois Vigário.

Estamos conscientes, Santo Padre, da responsabilidade e do desafio que esta vossa visita encerra, dos sulcos profundos que ela cava em nossa terra. Estamos conscientes de que sempre continuará a haver, depois que tiverdes partido, culturas, famílias, filosofias, pluralismos, tendências. Mas o Único Ne-

cessário, o Coração da Unidade que nos viestes anunciar ficará conosco.

Estamos conscientes de que viestes como Pastor confirmar o Brasil na fé, encorajar-nos a descobrir em tudo a vontade de Deus, na fidelidade a Jesus Cristo como operários do Evangelho que produz "mártires vivos" no mundo moderno; a nos abandonar sem reservas a Deus, ao serviço de Cristo, objetivo e medida de nossa vida, e a sua Igreja. Assim, Santo Padre, nós religiosos do Brasil, reafirmamos nossa fidelidade absoluta à Igreja e nos empenhamos na procura constante da Unidade, síntese total onde culmina a Verdade — Jesus Cristo.

Numa doação radical de nós mesmos à causa de Cristo, empenhamonos em buscar sua face neste país de contrastes, em mergulhar no âmago de sua realidade, esforçando-nos por ser sinal de realidades, futuras, ser humanidade nova, ser testemunha do Absoluto de Deus, Deus encarnado, profundamente experimentado no coração de cada brasileiro.

Fiel ao apelo do Pai e dos homens, apelo que vem de um só e mesmo centro, Jesus Cristo, queremos participar da Encarnação e penetrar fundo no drama do homem, em suas lágrimas, angústias e misérias, em suas esperanças e alegrias.

Dizemos sim a esta realidade conflitante na fidelidade ao real concreto e ao mistério que ele encerra. Sim à comunhão com as Igrejas Particulares, sim à participação na Pastoral Orgânica, sim à inserção no meio do povo, na comunidade eclesial; dizemos sim ao Serviço, aos irmãos mais pobres, jovens, doentes, marginalizados, carentes. Sim à comunhão entre CNBB e CRB num testemunho vivo de Unidade.

Numa fidelidade de coerência unimos nosso Sim ao Amém.

FIAT-AMÉM quer dizer CREIO.

Assim buscamos a Unidade do "crer e do viver", do contemplar e do agir, da Consagração-Testemunho-Anúncio. Esta fidelidade coerente significa para nós assumir o compromisso de Cristo, o Anúncio do Reino que se constrói apesar dos poderes deste mundo; significa assumir conflitos inevitáveis, cruzes, sofrimentos por causa da justiça, perseguições, difamações por causa da denúncia de tudo aquilo que se afasta do plano de Deus. Significa Vida-Louvor.

Nós nos empenhamos, com determinação e coragem, em construir a Unidade tão essencial na Igreja, a fim de que se aprofundem as raízes cristãs no Brasil e cresça, não um homem qualquer, mas o homem novo enraizado em Cristo.

Neste espírito, nós religiosos e membros de Institutos Seculares do Brasil, colocamos nas mãos de Vossa Santidade toda nossa disponibilidade de consagrados na Igreja e para a Igreja.

Ir. Maria de Fátima Maron Ramos, OSU Presidente do Conselho Superior da CRB Pai de nossa Fé, Irmão Maior de nossa Esperança, Querido Papa João Paulo II:

Neste momento 50.000 Religiosos, sendo 39.000 Religiosos, 8.000 Religiosos Sacerdotes, 3.000 Religiosos Irmãos que juntos formamos a CONFERÊNCIA DOS RELIGIO-SOS DO BRASIL, estamos pendentes de Vossas palavras e orientações. A nossa atenção não é menor que a nossa alegria. Sede Bem-vindo em nosso meio!

Três pólos sustentam e animam a Vida Religiosa que dia-a-dia se constrói neste imenso país.

Em primeiro lugar o serviço que os Religiosos e Religiosas prestam ao povo de Deus, nos centros das cidades, nas instituições de ensino, hospitais, nas periferias, no vasto sertão, na selva "selvaggia aspra e forte" da região amazônica, junto a indígenas, camponeses, operários, também junto às classes melhor situadas de nosso Brasil. Este serviço é expressão de nossa entrega total a Deus que, se por um lado, nos diz vem! Por outro nos diz continuamente: vai! É em nome de Deus, no seguimento de Jesus Cristo e em fidelidade ao nosso carisma religioso e fundacional que estamos no meio do povo.

Em segundo lugar, uma das belas características de nossa vida religiosa, orgulho da Igreja Universal — é a busca de inserção dentro da Igreja local. A CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL trabalha em estreita e fraterna colaboração com a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS. A in-

serção na Igreja local, antes que pôr em crise nossos carismas fundacionais, os enriqueceu com novos desafios e novas expressões que puderam mostrar e concretizar. Mais do que nunca nós religiosos nos sentimos força viva dentro da Igreja, no serviço eclesial, em quase todos os níveis; hoje mais e mais caminhamos do centro para a periferia, buscamos servir o Senhor nos pobres e mais pobres; com alegria tentamos assumir, como diz Puebla, "os postos de vanguarda evangelizadora em fiel comunhão com nossos pastores" (n. 771).

Em terceiro lugar: a encarnação na Igreja local e no meio do povo faz crescer em nós a perspectiva de catolicidade e de universalidade. Sinto-me apoiado por todos ao confessar-vos, querido João Paulo II, que nós religiosos nutrimos imenso carinho pela figura do Papa, por Roma e pela Igreja Universal. As palavras dos Papas nunca deixaram de ecoar fundo em nossas comunidades. Por isso, agora estamos aqui, expectantes e atentos, às palavras que, no cumprimento de Vosso Múnus Apostólico — o de confirmar os irmãos na fé, (Lc 22,32) - nos vão animar e orientar na caminhada. Queremos cumprir, como religiosos, dentro de nossos carismas fundacionais estas três fidelidades: ao Povo de Deus, à Igreja Local e à Igreja Universal, agora corporificada, por Vossa Santidade.

O Espírito nunca vos falta! Nossas orações também nunca vos faltarão!

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB Presidente Nacional da CRB

O PAPA CONFIRMA A IGREJA NO BRASIL

Pe. Cleto Caliman, SDB

Belo Horizonte, MG

12 dias. Uma verdadeira maratona de João Paulo II, não sem razão apelidado "atleta de Deus". Um acontecimento jamais visto no Brasil, destinado a marcar uma nova era na história religiosa do país. Vimos multidões incalculáveis, em vibração e festa, ampliadas pelos poderosos meios de comunicação de hoje. Não há rincão do Brasil que não tenha sido invadido pela figura ao mesmo tempo imponente e cativante do Papa. Podemos dizer que foi recebido, de um modo ou de outro, não só pelos católicos, mas por todos os brasileiros.

Mas antes de passar adiante vou me permitir, logo de início, fazer uma distinção que me parece fundamental. No rol dos que receberam o Papa houve quem recebesse K. Wojtyla, que por acaso também é Papa, dentro de uma perspectiva estritamente política, avaliando o peso de sua presença e de sua palavra no tablado da política nacional e internacional. Há, por outro lado, uma segunda perspectiva, marcada pro-

fundamente pela fé. A de quem recebeu o papa, o sucessor de Pedro,
não importando tanto o que ele disse, mas a sua presença, sua pessoa,
símbolo de uma identidade de fé católica, de uma tradição cultural e
religiosa. Importante era ver o Papa,
dentro de uma mística tradicional
católica, despertando aquela vibrante euforia da festa escondida atrás
da pobreza do povo.

As duas visões não se contradizem, mas podem ser combinadas de formas diversas. Ou uma contra a outra, ou as duas relacionadas entre si. Antes, elas podem e devem ser combinadas entre si. De fato, aqui estão em jogo a função institucional que o papa exerce em nome de Cristo e a sua mensagem pessoal, marcada pela atração da figura humana que ele é, com sua própria visão política do mundo. Entre uma e outra, função e pessoa, se insere um espaço em que também o cristão católico pode discutir o significado da viagem do Papa para a Igreja e para a sociedade brasileira.

A razão disso é muito simples. O Papa se fez notícia. Literalmente, caiu em nossas mãos, na planície da história, desceu de sua Sé Romana até o nosso dia a dia, onde são normais as diferenças de interpretação, os diversos interesses que se projetam nos próprios símbolos que amamos. É até bom que sejamos capazes de discutir sobre a viagem do Papa e suas alocuções, sobre seu significado eclesial e social, justamente para podermos confrontar nossa maneira de entender o que o mesmo Papa disse. Isso, além de tudo, diminuiria o risco de cada qual ver o seu Papa, ou, o que talvez seria o pior, engolir o Papa que veio na embalagem dos meios de comunicação de massa, onde, por força dos mesmos interesses em jogo, pode-se transformar uma profunda experiência de fé num espetáculo insólito e fantástico de sons, luzes e cores.

Ora, em vista disso, creio ser de suma importância, mais do que isso, um ato de responsabilidade cristã, levar adiante a visita do Papa, tornála acontecimento permanente, para que produza os frutos visados pela própria iniciativa do Papa e pelo Povo de Deus que o acolheu carinhosamente nas praças públicas, movido pela fé e pelo Espírito. Por isso não é vão perguntar: Quais são os frutos? O que vai permanecer? O que devemos fazer para que a semente de esperança plantada pelo Papa vingue, cresça a planta e dê bons frutos de justiça, de fé e de fidelidade a Cristo? Para ajudar a levar adiante essa graça de Deus, que passou pela nossa Igreja, e para melhor situar o acontecimento, pretendo abordar alguns aspectos que tocam o significado da visita do Papa entre nós: A moldura mais ampla da viagem, a pedagogia de João Paulo II, a confirmação das opções básicas de Puebla e do trabalho pastoral da Igreja no Brasil.

1. A moldura da visita do Papa

A viagem do Papa ao Brasil não foi um passeio ou uma iniciativa casual. Ela se insere num plano mais amplo de governo da Igreja, de sua renovação a partir do Vaticano II e de preparação de seu futuro.

a) Os motivos imediatos da viagem foram explicitados pelo mesmo Papa, em Brasília. Segundo o mesmo Papa diz, essa viagem tem duas dimensões. Uma dimensão eclesial: o Papa veio, em "missão nitidamente pastoral e religiosa", "confirmar em sua missão meus irmãos bispos" e através deles, todos os fiéis; "render homenagem a esta Igreja e encorajá-la a ser sempre mais sacramento de salvação" (Brasília/Aeroporto), estimulando a crescente consolidação da Igreja. Uma dimensão humana e social: o Papa veio para fazer um itinerário que seja também um "encontro com o homem" brasileiro (Brasília/Aeroporto), com "uma mensagem nítida sobre o homem, seus valores, sua dignidade e sua convivência social" (Brasília/ Planalto).

b) No contexto de seu pontificado João Paulo II deixou bem claro que era seu desejo marcar seu governo com uma dupla profissão de fé. Uma clara profissão de fé cristã: "Escancarar as portas a Cristo" (Ho-

milia de Entronização) como Redentor do homem; e uma clara profissão de fé no homem, compreendido à luz do mesmo Redentor (cf. Enc. Redemptor Hominis). Para ser fiel a Cristo, a Igreja tem que ser fiel ao homem e lutar pela plena vigência de sua dignidade e de seus direitos. Estendendo seu olhar para além do horizonte, João Paulo II se propõe como meta prioritária de sua gestão preparar a Igreja para o terceiro milênio, que se inicia com o ano 2 mil.

c) João Paulo II deseja assim estar consolidando a Igreja nas pegadas do Vaticano II. Este concílio marca a passagem da Igreja para o mundo da pós-modernidade. Inicia uma nova era em que "a esfera da vida da Igreja é de fato o mundo inteiro", graças aos meios de locomoção e de comunicação de hoje (cf. RAHNER, K., Towards a fundamental theological Interpretation of Vatican II. Theological Studies 40, 1979, 121). Trata-se da passagem de uma Igreja ocidental para uma Igreja de amplidão mundial, no contexto de uma sociedade pluralista. O pluralismo será a exigência dos novos tempos (cf. Vários, Gli inizi del pontificato di Giovanni Paolo II: fatti e prospettive. Il Regno 10, 1980, 227). Isso significa, em outros termos, a superação da "fase ocidental" da Igreja. Algumas categorias que marcaram os debates na Igreja na fase de transição, como a diferença entre "conservadores" e "progressistas", não resistem mais à emergência do 3º mundo, o mundo dos pobres e de seus problemas. O centro real da Igreja se desloca. O Papa já é do chamado "segundo mundo", enquanto a maioria dos fiéis é do "terceiro mundo", especialmente da América Latina. Isso é ao mesmo tempo o deslocamento do centro para a periferia do sistema mundial do poder, com suas inevitáveis consequências políticas. É a grande oportunidade para a Igreja, como instituição, se aproximar do mundo dos pobres.

d) "Que país é esse?" Também o Papa deve ter feito essa pergunta!

Do ponto de vista da Igreja, o mesmo Papa dá a resposta: O Brasil "tornou-se a nação que possui o maior número de católicos em toda a terra" (Brasília/Aeroporto) e "sua cultura é radicalmente católica" (Brasília/Homilia). É justamente nessa porção da Igreja, bem como em toda a América Latina, que se dá um fenômeno novo e renovador: a emergência dos pobres na Igreja. Antes de se falar de "opção preferencial pelos pobres" da Igreja, seria preciso falar de outra opção: a opção dos pobres pela Igreja. Eles resolveram "ser Igreja", com seus bispos e padres. De outro modo não se explicaria o florescer das CEBs: A esse país e a essa Igreja chega, com sua mensagem, João Paulo II. Qual é a sua pedagogia?

2. Qual é a pedagogia do Papa?

Essa pergunta parece estranha, mas tem suas razões. João Paulo II é filósofo de formação. Estudou a fundo a fenomenologia, especialmente M. Scheler, que na década de 20 cunhou a expressão "sociologia do conhecimento". Entre o sujeito e os objetos do mundo existe a mediação do próprio ser social do homem. A mesma consciência do ho-

- mem é determinada pelo seu ser social (cf. BERGER, P., A construção social da realidade, Vozes, 1973, 14s). Para essa corrente filosófica as pessoas aprendem não só pelo uso de sua razão, mas também e sobretudo com seu coração e sua afetividade. É o homem inteiro, afetividade e razão, que interioriza a realidade. A própria realidade social, a tradição do povo, seus costumes e sua linguagem, sua vivência e sua memória, guarda e conserva o que é de todos: a cultura, a religião, etc. E todos vão beber dessa fonte. Quando o Papa chega ele fala em dois níveis. Um nível em que ele evoca as reservas espirituais e morais do povo, e um nível em que ele convida à reflexão crítica sobre a situação atual da fé e da vida do povo.
- a) Falando a partir da herança cultural "radicalmente católica" do povo brasileiro, num clima altamente emotivo, propício a despertar uma resposta de identificação com a Igreja, o Papa desenvolveu também um discurso racional a partir da fé, refletindo a condição do homem no mundo concreto: o mundo dos pobres. Essa linguagem papal envolve a totalidade da realidade social das pessoas, onde elas agem e reagem, onde elas se encontram ou desencontram pela afetividade e pela razão. Certo, a viagem do Papa é por si mesmo um discurso que desperta alegria, entusiasmo, euforia e expectativas. Mas esse discurso afetivo deverá se abrir e amadurecer para uma compreensão racional e crítica da mesma realidade, marcada pela injustiça a ser superada pela verdade de Deus e do homem.
- b) Dentro dessa perspectiva, o papa fala ao coração do homem brasileiro. Ele desperta sua herança cultural e religiosa ameaçada por um apressado processo de modernização, que provoca um choque cultural e solapa a fé simples do povo. Esse seria o desenvolvimento sem o homem. O Documento de Puebla chama a isso de "secularismo" e o papa fala daquela concepção do homem que prescinde da transcendência (cf. Brasília/Planalto e outros). Mas o destinatário da mensagem do papa não é um homem genérico. Ele quis falar ao homem brasileiro concreto, na sua situação real, sofrendo as consequências das contradições de sua realidade social. Por bem duas vezes ele descreve a nossa realidade como sendo "uma versão gigantesca da parábola bíblica do rico e do pobre Lázaro" (Aos Lavradores, Aos Operários) e por mais duas vezes acena ao "abismo existente entre ricos e pobres" (No Vidigal, Ao CELAM).
- c) Diante dessa realidade o papa não pregou a resignação pura e simples. Sua mensagem, reconhecendo a situação, visa abrir o próprio homem à esperança a partir de Deus e das reservas espirituais e morais do homem. Nada de resignação à pobreza e à injustiça: "Não digam que é vontade de Deus que vocês fiquem numa situação de pobreza, doença, má habitação..." (No Alagados). É necessário empreender "reformas indispensáveis à salvaguarda e à promoção dos valores sem os quais não pode prosperar nenhuma sociedade digna deste nome" (Brasília/Planalto). Segundo o papa, essas reformas não se devem fazer pela violência,

pelo uso do poder em favor de grupos de interesse, pela luta de classes (cf. Aos Trabalhadores, Aos Jovens). Ele acredita em reformas que se façam por meios evangélicos, pela justiça social que busca realizar o bem comum. "A persistência da injustiça, afirma ele, a falta de justiça, ameaça a existência da sociedade de dentro para fora" (Aos Trabalhadores).

d) O discurso do papa é um discurso profético. Partindo do diálogo com o homem real e concreto, o papa fala da dignidade do homem, chamado a dar uma resposta a Deus, na sua dignidade de homem e de filho de Deus. Essa é uma constante nos discursos todos. Pertence à própria dignidade do homem poder encontrar-se com Cristo: "Todo homem deve poder encontrar-se com Cristo" (Salvador/Cultura popular). Mas como é que João Paulo II leva adiante essa tarefa? Nisso ele empenhou, por um lado, o peso e o prestígio de seu cargo; por outro lado, empenhou o fascínio de sua pessoa, seu carisma pessoal. Ele deseja transmitir não apenas uma mensagem institucional, fria e formal, mas todo o calor de sua liderança pessoal. Sua atitude profética transcende a própria política. Ela é metapolítica, pressupõe uma concepção do homem e sua própria realização para além das ideologias e dos sistemas. Essa é a linha profunda de todo o seu discurso profético.

3. O Papa confirma a Conferência de Puebla

Quem apostou na mudança de rumo em relação a Puebla enganou-

se. João Paulo II já havia aprovado o Documento (cf. sua carta de 23/ 03/79). Agora veio pessoalmente e retoma praticamente os temas básicos de Puebla no país de maior população católica do continente. As diretrizes gerais do Documento de Puebla já são do conhecimento de todos, bem como sua opção fundamental e as prioridades pastorais que ele propõe à Igreja latino-americana. Os discursos e homilias que o papa proferiu no Brasil retomam a temática nos pontos mais decisivos e na linha que aliás o mesmo papa havia dado aos bispos em seu Discurso Inaugural da Conferência de Puebla. E quais são as diretrizes gerais, a opção fundamental e as prioridades pastorais que o papa propôs no Brasil?

a) As diretrizes gerais do papa estão na linha da unidade e do serviço ou missão. Primeiro, a Igreja deve buscar sempre a unidade dentro dela mesma. E mais: "Quanto mais graves sejam os problemas, tanto mais profunda há de ser a unidade com a cabeça visível e dos pastores entre si" (Ao CELAM). Essa unidade, que Puebla chama de Comunhão e Participação, não se limita aos bispos, mas se estende a todos: presbíteros, religiosos e leigos. Essa unidade é guiada por critérios evangélicos. Mas a unidade de uma instituição, por mais nobre e importante que seja, não é fim em si mesma. Em se tratando de Igreja, ela visa a realização de sua missão, de seu serviço ao mundo, a todos os povos. É, pois, uma unidade comprometida com a missão profética da Igreja em favor da unidade de todos os povos (Ao CELAM).

Esse serviço ao mundo implica, nas palavras do mesmo João Paulo II, por um lado, "denunciar tudo o que se opõe ao plano de Deus e impede a realização do homem", para "defender o homem ferido em seus direitos", em sua dignidade de homem e de filho de Deus (Ao CELAM, Sublinhado nosso); por outro lado, implica anunciar o Evangelho e a dignidade do próprio homem (Ao CELAM e em várias outras alocuções).

b) O papa define como opção básica para a Igreja "uma grande opção pelo homem". Diz ele aos bispos do CELAM: "O reconhecimento do domínio de Deus conduz ao descobrimento da realidade do homem". Ora, "dada a realidade de tão vastos setores atingidos pela miséria e diante do abismo existente entre ricos e pobres", o papa chega à "opção preferencial pelos pobres, não exclusiva nem excludente" (Ao CELAM). Essa não é uma opção de classe ou de grupos de interesse, mas um ponto de vista concreto que exprime a própria predileção de Deus e de Jesus pelos pobres. Esse ponto de partida concreto dá ao papa autoridade para falar a língua do Evangelho, acima de classes e grupos de interesse, a todos os homens e às sociedades, em nome de Cristo e em nome do próprio homem (No Vidigal). Essa é a opção fundamental da Igreja latino-americana: uma opção pelo homem que se traduz concretamente numa opção pelo pobre injusticado e marginalizado.

c) O papa, no conjunto de seus discursos e alocuções, propõe prio-

ridades pastorais para a Igreja no Brasil. Essas prioridades refletem, por um lado, as exigências da situação do homem e da opção fundamental que ele propõe; por outro, refletem as necessidades internas da própria Igreja: o cultivo de sua identidade na fé e no seguimento de Cristo. Refletindo a primeira direção, o papa recorda a responsabilidade "ético-social" da Igreja. Neste ponto ele nos recorda que a questão da pobreza deve ser denunciada como fruto da injustiça. Ele prega, nesta mesma linha, os direitos fundamentais do homem, sua participação na organização da sociedade e nos frutos do trabalho, como elementos essenciais à sua dignidade. Defende a cultura como o espaço da liberdade e da humanização (Aos Intelectuais). Refletindo a segunda direção, na linha interna de reforço da comunidade de fé, o papa se refaz ao seu Discurso Inaugural de Puebla. Ele dá ênfase à pastoral da família, da juventude e vocacional. Os demais temas por ele propostos se situam dentro dessas duas linhas básicas.

4. Confirmação da linha pastoral da Igreja no Brasil

Os temores que precederam a viagem do papa ao Brasil parece que não se confirmam. Temia-se que a mobilização das massas e o sucesso pessoal do papa pudesse levar à falsa impressão de participação popular, reforçando a vertente mais autoritária e conservadora da Igreja. Ora, o povo participou e o papa não desautorizou o instrumento mais eficaz de participação popular da Igreja no Brasil, as Comunida-

des Eclesiais de Base e nem os bispos mais empenhados nesta linha. Ao contrário, demonstrou um carinho todo especial a D. Helder Câmara, na frente de todos, chamando-o de "irmão dos pobres e meu irmão". O mesmo se diga de Dom Arns. Temia-se que o peso político do papa pudesse prevalecer sobre a responsabilidade colegial dos bispos. Ao que parece, todos os bispos se sentiram estimulados e apoiados pela presença e pelas palavras do papa, dentro do que o mesmo papa acha ser um legítimo pluralismo. Temia-se que o governo pudesse capitalizar a visita do papa. Até agora o governo mostrou-se discreto. Não podemos descartar essa possibilidade. Mas não podemos também descrer na capacidade crítica do povo, que a essa altura dos acontecimentos saberá distinguir entre o papa e sua mensagem, e o governo e sua atuação. Voltando o papa a Roma não acabam as in-

justiças, a pobreza e a miséria do povo. O povo sabe disso antes mesmo que o governo, porque vive na carne as consequências da situação.

Mas ainda não é tempo de avaliar todo o alcance da visita do papa. Não é tempo para conclusões definitivas a respeito do seu significado. (No momento em que estou escrevendo essas páginas — 9/7) não sei o que o papa vai dizer aos bispos brasileiros em Fortaleza. Este, ao que parece, seria o discurso decisivo de Sua Santidade. O importante para todos nós neste momento, creio eu, seria mesmo dispor-se a confrontar os próprios pontos de vista, as próprias posições com a mensagem do papa. A viagem, como acontecimento, vai cair no domínio público da história. Sua eficácia transcende aos próprios atores que o produziram. Está em nós agora não deixar que se percam os frutos.

Duas observações

Primeira. O Papa não citou um Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Atitude profundamente pastoral. O Papa veio para unir, para conclamar à responsabilidade pastoral em nome do Evangelho. Não veio para julgar. É pastor. Cabe a ele animar, confirmar na Fé, fortalecer na Esperança, dar orientações. Foi o que fez com perceptível presença do Espírito Santo. Segunda. O comportamento do Presidente Figueiredo nos dois discursos feitos ao Papa foi de fina elegância. Não houve o menor laivo de colher dividendos para sua administração. Foi digno da grandeza do Brasil e do Ilustre visitante.

A VISITA DO PAPA

Pe. João Batista Libânio, SJ

Rio de Janeiro, RJ

A visita do Papa está sendo como chuva torrencial. Estamos envolvidos nesses dias por avalanche inassimilável de imagens e ensinamentos.

Precisamos esperar tempo para poder perceber que água penetrou profundo em nossos corações, que água correu, como enxurrada, por cima da terra, perdendo-se nos rios, nos mares. Esse artigo nasce ainda dentro do clima de intenso bombardeio de impressões, de discursos. Estamos em plena visita. Por isso, refletirá antes os primeiros impactos da visita do Papa, sem a devida distância de tempo.

O tema do significado dessa visita é muito complexo. Vou restringir-me unicamente ao que ela representa para os religiosos e religiosas no momento atual de nossa situação de Igreja e de Brasil. O emissor é o Papa, o destinatário são os religiosos e o intermediário são nossas reflexões. Portanto trata-se de uma reflexão parcial, que deixa expressamente de lado aspectos fundamen-

tais da visita do Papa, como seu significado para o conjunto da Igreja, para as diferentes localidades por onde passou, para a situação nacional, e sobretudo para o povo cristão em geral.

Qual é a lição básica dessa visita para nós religiosos, enquanto religiosos? Que está dizendo o Papa para nós com sua presença, com seus discursos, com seus gestos?

I. Em nível de instituição nacional

Considerado a Vida Religiosa, como uma instituição que atua em nível nacional na Igreja, o Papa afirmou pontos importantes. Antes de tudo, começa por uma constatação histórica. A história da evangelização e catequese em nossa pátria está fortemente associada com a presença dos religiosos. Sua incansável atividade missionária está na origem dessa profunda tradição religiosa, que a visita do Papa está realçando. A beatificação do Padre Anchieta

assume sentido simbólico, ao colocar nos altares um desses primeiros missionários. Nele está glorificada uma longa tradição de trabalho apostólico por parte dos religiosos.

Até hoje a maioria dos sacerdotes consagrados à evangelização, à
pastoral são religiosos. Como outrora, continuam empenhados na catequese, educação e defesa do índio
com sacrifício pessoal. A alusão é
clara aos atuais sofrimentos de muitos missionários religiosos na luta
pelo índio e as recentes mortes violentas dos padres João Bosco e Rodolfo, ambos religiosos. Até o fim
do ano passado, as estatísticas mostravam que, entre 343 bispos, 193
são religiosos, entre eles dois cardeais.

Diante desse quadro da relevância da Vida Religiosa na pastoral do Brasil, o Papa aponta como sentido de sua visita potencializar essa presença apostólica. Ela não se refere unicamente aos sacerdotes religiosos, mas também às irmãs e irmãos leigos.

A experiência pastoral do Brasil tem firmado e confirmado a riqueza e eficiência de ter uma única Conferência de Religiosos, para homens e mulheres como órgão responsável e competente na promoção da vida religiosa. De tempos a tempos, surgem outras propostas, seja de dividir a Conferência, como de deslocar para algum departamento da CNBB as tarefas que a CRB tem realizado com tanta proficiência. Nesse contexto, vale a pena reler as palavras do Papa e entender o sentido de sua visita.

Tem sido uma característica dessa visita de João Paulo II o profundo respeito, que ele tem demonstrado, pelos caminhos que a Igreja do Brasil tem escolhido. Por onde passa tem procurado claramente apoiar, reforçar as linhas pastorais vigentes. Isso transparece nos gestos, na acolhida que dá aos pastores e aos fiéis, nas palavras de seus discursos.

Assim ao receber os religiosos e religiosas, ainda que de modo separado, não fez a mínima alusão ao desejo de Conferência à parte. Antes apoiou em tudo suas atividades apostólicas e religiosas, procurando simplesmente relembrar os pontos fundamentais da vida religiosa. Mais. Numa pasagem explícita e expressiva diz que "nunca se salientará demais a importância das relações entre a Conferência Nacional dos Bispos a quem compete elaborar e estabelecer os planos de pastoral para o país e a Conferência dos Religiosos que assume a tarefa de promover a vida, velando para que esta se mantenha fiel às suas raízes mais profundas e ao carisma que a caracteriza".

Nesse parágrafo o Papa afirma antes de tudo a competência da Conferência dos Bispos para traçar as linhas de pastoral do país. Quem não tem memória curta, lembrar-se-á facilmente de afirmações veiculadas pelos meios de comunicação, onde se procurou esvaziar a CNBB, como não expressiva da Igreja do Brasil. Tentou-se contrapô-la a uma abstrata igreja universal. Infelizmente alguns incautos membros da Igreja secundaram tais afirmações. E o Papa vem ao Brasil, reafirma sem

rodeios a competência da CNBB para elaborar e estabelecer os planos de pastoral para o país. Essa afirmação merece todo realce na atual conjuntura e a meditação de todos os membros oficiais da Igreja, para que com declarações infelizes não esvaziem as orientações da CNBB no tocante à vida religiosa.

Em outras passagens, insiste nesse diálogo entre religiosos e religiosas com os bispos no tocante à orientação pastoral de seus trabalhos. Fala claramente de uma colaboração responsável, ativa, dócil, confiante dos religiosos com a hierarquia. As diretrizes dos bispos no campo doutrinal e das atividades eclesiais devem ser seguidas pelos religiosos de modo generoso e responsável. Chamo a atenção sobre a insistência do adjetivo "responsável". O Papa exclui atitudes infantis de dependência, de subserviência. Entende que o diálogo seja claro, maduro, responsável de ambas as partes. Pois o termo "colaboração" implica que se "trabalhe com" (laborare cum) e não que venham orientações de um lado só. O fluxo pastoral deve ir e vir. Tanto a hierarquia como os religiosos têm sua palavra nesse diálogo. Do contrário não seria nem diálogo, nem colaboração, nem responsável, como pede o Papa.

Falando aos bispos do CELAM, o Papa não receia de colocar a função do CELAM nos seus devidos lugares. Indica como prioritárias na orientação da pastoral em relação aos religiosos, a Igreja particular e as conferências episcopais nacionais. E somente "no seu devido modo" entra o CELAM. Situa-o no seu lu-

gar de "serviço à unidade", e não o contrário.

Essa visita do Papa reafirma, portanto, a atual situação da Igreja do Brasil, com suas ótimas relações entre CNBB e CRB de um lado, e com a existência de uma única conferência doutro. Esperamos que as tentativas de modificar tal situação fiquem desestimuladas pelo peso das palavras e atitudes do Papa nessa visita.

II. O caminho da renovação

A vida religiosa está movida pelo desejo de renovação, que vem sendo alimentado desde os idos anos de 60. Muita coisa já aconteceu nessas últimas décadas. No contexto de vida religiosa, sobretudo feminina, em nosso país, uma das formas mais importantes de renovação tem sido as pequenas comunidades inseridas. Quando usamos o termo "inseridas", entendemos naturalmente "dentro de um contexto popular". Trata-se, pois, de experiência das pequenas comunidades inseridas num meio popular, em íntima relação com as comunidades eclesiais de base.

O discurso do Papa traz nesse sentido uma novidade. Esta consiste no deslocamento da discussão para o campo do critério. Ele não discute mais a importância e necessidade de tais experiências. Dá-as como pressupostas. Essas novas formas de inserção em "pequenas comunidades de caráter mais pastoral" apresentam-se para ele como fato irreversível. Agora cabe estabelecer os critérios para que esse processo não fracasse. Portanto, o desloca-

mento consiste na passagem de uma discussão sobre a validade dessas experiências para o estabelecimento dos princípios norteadores das mesmas. Com isso, os temores daqueles que ainda não se lançaram a elas ou apenas principiam são desalijados pelas palavras do Papa.

João Paulo II vai buscar os critérios no mais sadio bom-senso e na mais elementar compreensão do cristianismo. A busca de nova experiência implica no deixar antigas formas de vida e antigas obras. Tal movimento não pode ser feito de modo afoito, mas perscrutando "os sinais dos tempos", conforme as exigências do Evangelho. O Papa reconhece "o esmero que (vós religiosas) pondes na busca e realização dessa novas formas de presença e só posso apreciar esse vosso empenho".

Toda mudança deve ser feita em clima de discernimento. E esse clima somente se cria na oração. Essa é a primeira e fundamental condição para iniciar um processo de mudanças e levá-lo a cabo. Dentro desse clima de oração, procurar que tais experiências novas não provoquem oposições, penosas divisões no interior da vida religiosa, não reflitam particularismos arbitrários. O espírito da opção pelos pobres, que as inspira, deve ser evangélico e portanto evitar os radicalismos sóciopolíticos. Isso é, não se deve ceder à tentação do fanatismo, do espírito sectário, que vê todos os que não pensam como ele, como inimigos, imersos no erro e no pecado.

É um processo de discernimento. A sua seriedade exige que se façam estudos prévios para que a escolha seja pertinente. E nessa escolha releva-se a colaboração íntima com os superiores responsáveis e o diálogo com os bispos interessados. Essas comunidades pequenas de caráter pastoral devem também estar dentro das normas e orientações emanadas pela hierarquia, a quem compete traçar as linhas da pastoral.

De fato, temos visto como as experiências das comunidades inseridas em meio popular, que tem sucesso positivo, são aquelas que contam com o apoio e ajuda dos bispos locais. Sem a cobertura da pastoral diocesana, surgiriam tensões, que a longo prazo provocam crises e desfecho negativo para tais experiências.

Como o último critério — manter a identidade do religioso — é um dos pontos centrais dos discursos do Papa, ele merece um tratamento à parte. Vamos refletir um pouco sobre os ensinamentos do Papa nesse campo.

III. A Identidade do Religioso

É uma das preocupações fundamentais de João Paulo II confirmar seus irmãos na fé, sejam eles bispos, como fiéis. Ele compreende que pertence a essa missão recordar a cada vocação dentro da Igreja sua identidade, sua especificidade, sua função próprias. Assim, além dos discursos dirigidos a todos os fiéis, tem feito alguns bem específicos: aos bispos, aos sacerdotes, aos seminaristas, aos religiosos, às religiosas. Ao dirigir, portanto, aos religiosos preocupa-se em descrever-lhes os traços fundamentais de sua vocação, isto é, sua própria identidade.

O Papa vê o problema da identidade do religioso como um movimento que vem de dentro para fora. E infelizmente muitos têm interpretado equivocamente em sentido oposto. Expliquemos melhor. A identidade do religioso vem de uma atitude interna básica e se prolonga até o seu exterior. E não o contrário, como se a imposição externa de certos sinais religiosos fossem o constitutivo do religioso. Naturalmente é mais fácil para as autoridades controlarem o exterior, pensando que assim estão velando pela manutenção da identidade profunda. Atitude perigosa. Próxima ao farisaísmo. O exterior só adquire sentido na medida em que seja manifestação da profundidade interna ou ao menos a ajuda pedagogicamente.

Concluir dos discursos do Papa a necessidade de voltar a trajes religiosos como exigência do ser religioso é confundir os caminhos e embaralhar os critérios. É a partir da profundidade da vivência da dimensão religiosa que se compreenderão e estabelecerão as outras exigências de nível mais superficial. Vejamos.

O fundamento último da vida religiosa é ser "schola dominici servitii", isto é, ela é um "aplicado, amoroso, perseverante aprendizado de quem só pretende uma coisa na vida: servir ao Senhor". Coloca-se na linha do carisma, do dinamismo da santidade, do testemunho das bemaventuranças, do Absoluto de Deus, do Invisível, da Parusia. Ela é consagração total a Deus pelos votos. O religioso procura ser "testemunho privilegiado da caridade, em adesão a Deus e às exigências do Reino".

Esta é a alma profunda da Vida Religiosa: ser testemunho do Absoluto de Deus no mundo. Este ponto nunca poderá ser abandonado por nenhuma outra exigência, nunca poderá ser esvaziado por outros interesses. Nisso o Papa é firme. Recupera, portanto, a mais pura e lídima tradição espiritual da Vida Religiosa. Todas as concretizações da Vida Religiosa não podem esquecer sua fonte primigênia e original. Portanto, o caminho da reflexão do Papa, não é partir de algumas mediações concretas e tentar mostrar sua vigência universal e absoluta. Mas o contrário. É partir dessa intuição fundamental e universal da Vida Religiosa e perguntar-se duplamente:

- a) se algumas modificações, formas externas, atividades que estamos levando não a esvaziam, não se deixam levar por acomodações fáceis, concessões ao consumismo capitalista, capitulações ao espírito liberal e hedonista moderno;
- b) e quais seriam então as verdadeiras formas de encarnar tal espírito na situação concreta de Vida Religiosa, de Igreja e Brasil. E isso não se pode determinar de fora, nem a priori. Portanto, começar por formas externas, como se elas fossem carregadas em si mesmas de "testemunho do Absoluto" é não compreender o movimento interno da experiência do Absoluto e falsear o pensamento do Papa.

As concretizações dessa atitude fundante de Vida Religiosa devem exprimir de alguma maneira a originalidade dessa vocação, não podem dissolvê-la nem ocultá-la.

O Papa diz claramente que o comportamento, a apresentação exterior, o modo de vestir do religioso devem ser "sinal com que Deus interpela as pessoas". Há dois elementos fundamentais nessa afirmação. Devem ser sinal de Deus e devem interpelar as pessoas. Portanto um sinal que se torna ridículo ou não interpela ninguém, não é captado por ninguém, em dado contexto cultural, ele perde sentido de expressão da Vida Religiosa. Por conseguinte não há sinal material algum que cristalize, se torne absoluto. Todo sinal participa de dupla relatividade: é relativo ao ponto de origem e ao ponto de chegada, de que (ou de quem) ele quer ser sinal e para que (para quem) ele é sinal. Fora dessa dupla relação, o sinal é ininteligível e inconsciente.

O comportamento, a apresentação externa, o vestir do religioso devem ser esses sinais de modo diferente, conforme os ambientes e lugares sociais em que o religioso se situa. Pois, tem de falar de Deus para pessoas concretas. É a partir desse critério colocado claramente pelo Papa e não a partir de precipitações infantis que devemos pensar as mediações concretas, as formas externas de viver, testemunhar o Absoluto de Deus, o espírito das bemaventuranças, a realidade do Reino escatológico.

Cada vez mais está tornando-se sinal dessa presença de Deus a pobreza e a modéstia de ser e vestir dos religiosos. É muito menos sinal de Deus para o povo uma comunidade de religiosos ou religiosas com seus faustosos hábitos, morando em

luxuosos colégios, que simples irmãs com vestido de mulher pobre do povo morando em pequenas casas perdidas em seus bairros. O povo simples identifica logo nelas essas "mulheres de Deus" e talvez se afaste do aparato dos outros. Sem essa sensibilidade pastoral, sem essa lúcida e corajosa busca, não somos fiéis à vida de testemunhas do Absoluto.

Conclusão

Em resumo, a visita do Papa em relação aos religiosos exerce a tríplice função de apoio, memória, discernimento. Apoio e estima pela vida religiosa em si, pela tarefa missionária dos religiosos, pelo empenho que tem os religiosos no presente. Apoio às experiências de pequenas comunidades inseridas, de caráter mais pastoral. Incentivo a enfrentar os riscos, os temores, as tentações de um mundo pouco sensível a valores da vida religiosa.

Memória dos elementos essenciais da Vida Religiosa. Relembra seu sentido de testemunho de Deus, do Reino escatológico, do serviço ao Absoluto. Recorda como a oração é a fonte inexaurível, onde os religiosos devem buscar continuamente energia para a vivência da própria vocação. Aviva os grandes valores que norteiam o comportamento dos religiosos na sua vida pessoal, comunitária e apostólica.

Discernimento para as renovações, sobretudo em vista da criação de pequenas comunidades inseridas com caráter pastoral. Recoloca diante de nós critérios simples, ainda que amplos e universais. Não desce às mediações mais concretas de nossa vida. Deixa-nos encontrá-las.

Finalmente, o Papa nos lega esse belo testemunho de estima pela Vida Religiosa. Considera-a riqueza e tesouro da Igreja. Ela é base sólida para a evangelização. Deve constituir-se ponto de referência para o povo cristão, sobretudo pelo voto de pobreza em nosso contexto social. Assim os religiosos podem compreender melhor e compartilhar os dramas lancinantes daqueles que se acham desprovidos de tudo. Essa identificação com o irmão necessitado fulge como um dos grandes símbolos do religioso hoje. E com alegria podemos constatar que a Vida Religiosa na A. Latina, com a ajuda de seus organismos CLAR e

CRB, tem procurado seguir essa trilha que o Papa nos recorda. Ela tem procurado ser esse sinal do Absoluto no meio dos mais pequeninos. Sua referência continua sendo a Transcendência de Deus na pequenez de suas formas de inserção. Quanto mais ela se encarna no meio dos pobres, mais ela está manifestando sua estrutura fundante de "sinal do Absoluto e do Reino", sem alienações e sem reducionismos. Pois só a força do Absoluto pode levar alguém a fazer-se pequeno com os pequenos. Só o amor ao Reino pode sustentar mulheres e homens num compromisso até o dom de sua vida aos irmãos menores. E essa esperança e força nos despertam as palavras e sobretudo a visita fraterna do Papa.

Já se pode definir João Paulo II como conservador ou progressista?

A longa exposição do Papa aos meios de comunicação de massa foi uma ocasião ideal para seu enquadramento em progressista ou conservador, moderno ou arcaico, de direita ou de esquerda. João Paulo II não fugiu a nenhum destes dilemas. Terminou a viagem. Não é ainda possível defini-lo. Sua vivência espiritual profunda o posiciona além destas categorias mutuamente excludentes entre as quais se move o pensamento vulgar. Sua voz de autoridade aponta para uma linha que não é a do tradicionalismo fechado nem a da inovação experimentalista. Dirigiu-se a todo tipo de platéia. Impressionou pela flexibilidade, pelas palavras apropriadas a cada interlocutor. Não utilizou Idéias feitas. Convence indo ao fundo dos problemas. Para os graves problemas de hoje, João Paulo II já se transformou num ponto necessário de referência.

JOÃO PAULO II: RELIGIÃO E TRANSFORMAÇÃO

Frei Leonardo Boff, OFM

Petrópolis, RJ

1. A personalidade do Papa é a grande mensagem

Com João Paulo II se verifica um fenômeno raro na história: a personalidade é mais importante que sua mensagem. Daqui a alguns anos certamente bem pouca gente recordará palavras de seus inúmeros pronunciamentos. Mas permanecerá imorredoura na memória de toda a nossa geração a figura do Papa João Paulo II. Ele é a grande mensagem, A mensagem que irradia consiste fundamentalmente nisto: ser religioso e cristão é fonte de radical humanidade, sensibilidade para o drama dos mais necessitados, amor sincero para com todos os homens. Ele se apresenta como um homem profundamente religioso e ao mesmo tempo humano e carinhoso. Ternura e vigor compõem sua personalidade, marca dos grandes espíritos. Sua liderança não é fruto da inflação do eu ou do gosto pelo poder sagrado; é consequência da unidade interior entre a paixão por Deus e a paixão pelos homens, particularmente pelos mais pobres. Daí se entende a humildade que se depreende de todos os seus gestos. Ama o povo sem ser populista. A linguagem não é tecnocrática como dos nossos líderes políticos, mas direta atingindo as camadas profundas do inconsciente coletivo. Por que milhões acorrem para vê-lo? Certamente não é por pura curiosidade nem pelos apelos que o capital simbólico desperta, acumulado durante vinte séculos na figura do Papa. Creio que somente uma visão teológica esclarece este fenômeno: há na profundidade humana um secreto e inarredável desejo de transcendência, de felicidade última, de encontro com algo definitivo, numa palavra, há fome e sede de Deus. O Papa fala a partir desta instância. Daí seu fascínio, próprio de todos os fenômenos religiosos.

2. O povo, produtor do sentido

Se o Papa é grande, grande também é o povo. Nunca se viu em nossa pátria tão grandes multidões enchendo praças e ruas. A fé não apenas pode mover montanhas, mas também povos. Nestes dias se viu a força mobilizadora da religião cristã. O homem é sécular apenas no âmbito do seu trabalho e de sua religião para com a natureza. Mas na esfera do pessoal, onde se joga com o sentido da vida e da morte, da realização e da frustração tem a ver com realidades para as quais a religião criou o espaço e a gramática de sua adequada expressão. O sentido dos gestos e das palavras papais não é apenas produzido pelo Papa, mas também pelo ouvinte, o povo. Ele agiu como um operador hermenêutico, selecionava, enfatizava, ampliava e produzia a devida ressonância com seus aplausos e ovações. Bastava o Papa falar de justiça, participação, transformação social, salários, fome, pobreza, liberdade e libertação para provocar a crepitação do aplauso. São as teclas para as quais o povo, geralmente sofrido, é extremamente sensível. Tais reações pertencem também à mensagem global do Papa. O povo é co-criador dos discursos pelos acentos que colocou e pelos slogans que levantou.

3. A mensagem: a religião articulada com a transformação social

Para captar a mensagem do Papa em seu registro próprio importa entender o que é pastoral. Repetidas vezes reafirmou que sua visita ao Brasil possui caráter pastoral. O

Papa apresentou-se mais como pastor do que como sacerdote. Cabe ao pastor animar, confirmar na fé, fortalecer na esperança e dar orientações. O discurso é sempre religioso e ético, alimentado nas fontes que são as Escrituras cristãs, a Tradição e o ensinamento do Magistério pontifício. Ao dizermos que o discurso é religioso e ético não dizemos que não tenha referência ao social e ao político. Ele possui enorme incidência nestas áreas, como as reações populares deram prova. Mas o social e político entra não enquanto tal somente, mas enquanto, na perspectiva religiosa, se ordena ou se subtrai ao desígnio de Deus ou, na perspectiva ética, realiza ou não a justiça e a fraternidade entre os homens. O caráter pastoral não se restringe, portanto, a assuntos intra-religiosos ou ao espaço do sagrado; ele recobre todas as áreas e assuntos desde que contemplados sempre na ótica religiosa (ordenação a Deus) ou no enfoque ético (ordenação aos homens). O Papa insiste em pronunciar-se sempre a partir da identidade cristã sobre todas as realidades humanas. Esta identidade não é somente um conteúdo específico, próprio da fé cristã, mas é sobretudo uma atmosfera, um espírito, uma forma que consiste em considerar as realidades todas à luz de Deus e dos critérios éticos.

A tônica inegável em todos os pronunciamentos do Papa consistiu em mostrar que a religião além de sua direção direta a Deus possui uma dimensão de transformação e de mudança social na linha da justiça, da fraternidade, dos direitos humanos e da humanização da vida. Insistin-

do nisto o Papa liquidou uma vez por todas a acusação infundada de que a religião é ópio do povo ou legitimação de uma ordem na desordem. Martelantes e sempre de novo retomadas foram suas mensagens aos pobres e marginalizados do sistema social. Aos pobres não anuncia paciência, resignação e ajustamento, mas libertação, coragem para assumirem seu próprio destino; aos ricos não prega assistencialismo ou doação de esmolas, mas conversão e solidariedade para com os esforços dos pobres. À violência nas relações sociais opõe o direito e à luta de classes a busca da justiça.

A estratégia do Papa não é propiciar as acusações de uns contra os outros, os ricos acusando os pobres por sua indolência, e os pobres os ricos por sua injustiça, nem legitimou as posições de uns e outros face ao Estado ou às relações Igreja-Estado. Para João Paulo II mais importante é a busca comum do bem comum; confronta a todos com as exigências da justiça que deve ser construída. Para isso convoca os pobres, os ricos, a Igreja e o Estado. Se observarmos bem, organiza tudo em torno do projeto dos pobres, porque são eles os principais sedentos e famintos de justiça. Não convida os pobres a sujeitar-se ao projeto dos poderosos; ao contrário, pede a estes que se solidarizem com a causa da justiça dos pobres. É sintomático neste sentido a escolha da bem-aventurança segundo S. Mateus e não segundo S. Lucas: "Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino do Céu". S. Lucas diz simplesmente: "Bem-aventurados os pobres porque deles é o Reino de

Deus". João Paulo II sempre e em todas as vezes privilegiou a versão de S. Mateus. Com isso não quis "espiritualizar" a pobreza; conservalhe o aspecto de "advertência e denúncia", como disse na favela do Vidigal no Rio de Janeiro. Mas a versão de S. Mateus abre caminho para um convite também aos ricos que só se fazem herdeiros do Reino na medida em que se solidarizam com os pobres. A versão de S. Lucas possibilitaria a denúncia dos ricos, produtores da pobreza dos pobres. Isso dificultaria a tarefa pastoral para com os ricos. A versão de S. Mateus os envolve também a eles e propicia somar forças mais do que dividir. Portanto, a justiça não está de um lado. A justiça está à frente de todos e todos devem confrontar-se com ela e juntos buscála. O que se pede é a superação das atuais relações sociais caracterizadas por uma profunda assimetria na direção de relações mais igualitárias e por isso mais justas.

4. A consolidação da Igreja no Brasil

A presença do Papa teve ainda como efeito uma forte consolidação da Igreja no Brasil. Ela vinha sendo acusada por alguns setores mais conservadores de politizar em demasia sua presença na sociedade. A estratégia discursiva do Papa não foi tomar partido por este ou por aquele grupo; certamente em função disto não citou nenhum documento significativo da Igreja do Brasil dos últimos anos. O que ele deixou claro para todos é que a Igreja não toma posições em função da política partidária, mas em função da Política

como busca comum do bem comum, da realização da justiça e da sociabilidade mais fraterna entre os homens. Neste ponto a Igreja tem muito a contribuir, particularmente, na defesa dos direitos humanos e na solidariedade para com os pobres. Jamais um Papa insistiu tanto no fato de que a Igreja do Brasil e universal quer ser uma Igreja dos Pobres. Ele assimilou a linguagem cunhada na A. Latina de que a mensagem cristã se destina a todos mas preferencialmente aos necessitados. Os três pontos contenciosos da relação entre Igreja e Estado, a crítica da ideologia da segurança nacional, o problema dos direitos humanos e a crítica ao sistema econômico foram fortemente confirmados pelo Papa, não simplesmente para apoiar a Igreja, mas porque o exige a justiça e o bem comum. Neste sentido podemos dizer que o Papa tirou as dúvidas e ambigüidades que porventura poderiam pairar sobre as práticas pastorais de um D. Evaristo Paulo Arns, Dom Cláudio Humes, D. Hélder Câmara e outros. Eles atuam como pastores e deverão continuar em sua postura pastoral e evangélica na defesa dos direitos dos trabalhadores, dos posseiros ou dos índios. Globalmente a Igreja no Brasil sai profundamente consolidada pela visita do Papa. Não veio para julgar ninguém; veio para unir, para conclamar à responsabilidade pastoral em nome do Evangelho e para fortificar o laço para com o povo na medida em que a Igreja é importante na construção de uma sociedade mais conforme o desígnio de Deus que é na justiça, participação e fraternidade.

5. João Paulo II e o Estado brasileiro

Jornalisticamente falando, poderíamos dizer que nos dias em que o Papa esteve entre nós, parecia o real Presidente do Brasil. Ele ocupou quase todos os espaços e os interesses da nação. Não se pode ocultar um contraste: o Papa conseguiu aglomerar ao redor de si milhões de brasileiros, o que dificilmente o poderia um presidente depois da revolução de 1964. Todo Governo autoritário tem medo do povo. João Paulo II não teme, ama o povo; e o povo nunca temeu e sempre amou o Papa. De todas as formas cumpre constatar a fina elegância do comportamento do Presidente Figueiredo nos dois discursos feitos ao Papa; não havia sequer um laivo de querer colher dividendos para sua administração. Foi digno da grandeza do Brasil e do ilustre visitante. O Papa, por sua vez, não se deteve em críticas diretas ao sistema que se cristalizou a partir de 1968. Chamou a atenção com pertinência para os sistemas que elitizam e se constroem sem um fundamento na justiça e na abertura à transcendência do homem para Deus: eles comprometem seu futuro. Foi contundente ao dizer na Bahia que é sua convicção pessoal de que ou as reformas instauram a justiça social ou deflagra a violência, maléfica para todos. Isto certamente teve um endereço certo: aos responsáveis pela condução social, econômica e política da nação.

Em conclusão podemos dizer: a grande mensagem, aquela que permanecerá na memória das grandes

maiorias de nosso país é que a fé que herdamos dos pais é fator de humanização da sociedade, humanização que antecipa a salvação a que Deus nos chamou em seu Reino e que o Papa ama o povo porque ele pertence principalmente ao povo.

João Paulo II, em sua humildade certamente faria suas as palavras de Pablo Neruda que nós parafraseamos: "É memorável e dilacerador para o Papa ter encarnado para muitos homens, durante um minuto, a esperança".

Quais as razões que trouxeram o Papa João Paulo II ao Brasil?

Pode ter sido muitas. Vou apontar duas essenciais. A primeira razão é eclesial. O Papa veio em "missão nitidamente pastoral e religiosa". Veio "confirmar meus irmãos bispos em sua missão". Veio "render homenagem a esta Igreja e encorajá-la a ser sempre mais sacramento de salvação". A Igreja saiu profundamente consolidada pela visita do Papa. A segunda razão é social. O Papa veio fazer um itinerário "para um encontro com o homem". Veio comunicar "uma mensagem sobre o homem, seus valores, sua dignidade, sua convivência social". Para ser fiel a Cristo, a Igreja tem que ser fiel ao homem e lutar pela plena vigência de sua dignidade e de seus direitos.

Por que milhões acorreram para ver o Papa João Paulo II?

Pode haver muitas razões. Creio, porém, que só uma visão teológica esclarece este fenômeno. Leia o que escreve Frei Leonardo Boff, OFM, à página 357. Há na profundidade humana um secreto e inarredável desejo de transcendência, de felicidade última, de encontro com algo definitivo, numa palavra, há fome e sede de Deus. O Papa fala a partir desta instância. Daí seu fascínio, próprio de todos os fenômenos religiosos.

O Papa João Paulo II propôs alguma vez a resignação pura e simples?

NÃO. Nada de paciência e resignação à pobreza e à injustiça. Pelo contrário, libertação e coragem de assumir o próprio destino. A pobreza e a injustiça não são vontade de Deus. São fruto do pecado pessoal e social. A mensagem de João Paulo II visa abrir o homem à esperança a partir de Deus e das reservas espirituais e morais do homem. "Não digam que é vontade de Deus que Vocês fiquem numa situação de pobreza, doença e má habitação..." É um discurso profético. De um homem concreto, uma resposta real a Deus.

A justiça está do lado dos pobres ou dos ricos?

Engana-se quem fizer esta simetria. A justiça não está do lado dos pobres nem do lado dos ricos. Ela vai à FRENTE de todos: ricos e pobres. E TODOS devem confrontar-se com ela e juntos buscá-la eficazmente.

ANCHIETA, UM HOMEM PARA O HOMEM TODO

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Brasília, DF

Quem cruza hoje as ruas já mais humanas do centro de São Paulo descobre com surpresa uma clareira em meio à selva de concreto. É o chamado "Pátio do Colégio". Um lajedo amplo sobranceiro ao vale do Tamanduateí, acolhe em seus bancos e sob arbustos que apenas oferecem uma promessa de sombra a uma pequena multidão de funcionários em pausa de almoço. Um pouco para a direita, restaurada com solidez e gosto, a antiga igreja do Colégio dos Jesuítas. Ao lado, num puxado extenso e quase da mesma altura, a Casa de Anchieta. No museu, que ocupa o segundo andar, recolheram-se peças ligadas a Anchieta ou a seu tempo. O local, situado numa das pontas da antiga colina de Piratininga, foi recentemente devolvido aos Jesuítas pelo Governo

do Estado e da Cidade de São Paulo. Ali mesmo, a 25 de janeiro de 1554, com a missa celebrada pelo Padre Paiva, criava-se o colégio e nascia a complexa metrópole de hoje. Naquela data e lugar, o Irmão José de Anchieta já se sentia para sempre vinculado à história, à cultura, à alma deste povo.

São quatro séculos e mais. Hoje, neste domingo, 22 de junho, o Brasil acolhe agradecido o reconhecimento oficial pela Igreja de que Anchieta realizou em pleno a misão de sua vida. O Papa João Paulo II, finalizando um processo que se protraiu por mais de três séculos, fará em Roma a beatificação de Anchieta. Curioso o mistério deste homem que deixou em 1553 os encantos de uma Coimbra culta para embrenharse no desconhecido de um país apenas descoberto e aí consumir 44 anos de existência. Caprichoso o destino desta vida incapaz de se entender sem o Brasil, tanto quanto o

Este artigo foi transcrito do JORNAL DE BRASILIA, Domingo, 22.06.80. Caderno LEITURA, p. 35. Brasil não se pode compreender sem ela. Antes dele vieram alguns. Depois chegaram muitos. Mercadores e viajantes, colonizadores e missionários, governadores e exploradores... arribaram tantos. Mas ele excele entre todos e o Brasil o destaca. É muito nosso porque lhe devemos muito.

Humanismo

Anchieta vem como missionário. O clímax político da Cristandade e a conjuntura mercantilista do Renascimento uniram numa epopéia só colonização e evangelização. A Europa tomara consciência de si mesma, ao descobrir surpresa um vasto mundo novo ignorado. Partiam as caravelas dos reis para apossar-se das terras. Levavam consigo a pretensão de um domínio total sobre as cousas e a gente que para além dos mares se lhes deparassem. Saíram sobretudo de Portugal e Espanha. Pouco depois também da Holanda e França. Mais tarde ainda, da Inglaterra. Estava assim instaurada esta fase da história humana que marca por toda a parte a presença dos Europeus, conquistando o mundo e a ele se impondo, cultural, política e religiosamente.

A colonização se fazia pela imposição do modelo. E a evangelização não diferia muito. Foi "em nome de Deus e do Rei" que o conquistador destruiu a diuturna caminhada cultural dos Aztecas e dos Incas. A civilização que se chamou ocidental não tolerava outras que se gestaram sem ela, não partilharam sua história, não palmilharam seus caminhos. E com o Rei que se lhe impunha,

de certo modo se lhes impunha também Deus. Sobre este pano de fundo, emerge a originalidade singular de Anchieta, como homem e como sacerdote.

Os portugueses não encontraram no Brasil civilizações como as do Peru e do México. Aqui viviam, como um arquipélago de nações, formações sociais menos complexas, de cunho tribal. Por um momento, duvidou-se em Roma se índio seria gente. E houve quem se debruçasse sobre o problema para afinal dirimilo, pedindo ao Papa que declarasse que sim.

Longe de tais especulações e mais ainda do espírito que delas se nutria, Anchieta, homem de seu tempo em tanta cousa, projeta-se para além dele, fazendo no seu presente o que outros realizariam num futuro distante. No quadro mercantil que domina o panorama da primeira colonização — e afinal, de toda colonização — Anchieta reverte a maré e centra no HOMEM a meta principal de seu esforço. No contexto de um humanismo que, na Europa, redescobria as raízes clássicas do homem ocidental e se gratificava na consciência de sua pseudo-superioridade, Anchieta descobre este HO-MEM diferente que é o índio e com ele se fascina. Respeita-o, preservao, cultiva-o, defende-o e o faz crescer. Muito antes que Morgan estudasse os Iroqueses ou Malinowski os Trobrianders, Anchieta se esmera na descrição de hábitos e costumes. Sem o instrumental com que a antropologia equipou o etnógrafo contemporâneo, tenta captar o complexo ideacional dos simbolismos subjacentes a este modo de viver. Observa tudo, anota, registra, confere. E aí estão duas cartas como filão inesgotável para quem queira saber como eram os brasis.

Língua

Mas é sobretudo a língua que lhe será a chave de muitos enigmas. Como compreender um povo sem entender-lhe a língua? A quase totalidade dos colonizadores a ignorava. Nem eram muitos os Jesuítas que se aventuravam em meio aos sons estranhos de uma linguagem apenas de expressão oral. É por aí que Anchieta começa, atento ao falar das crianças índias. Sem contar com os recursos da lingüística moderna e mais ainda da lingüística antropológica que adentra a língua como veículo de cultura. Anchieta faz trabalho artesanal, criando ele seus próprios instrumentos.

Pesquisa a estrutura fonética e morfológica da língua indígena e torna viável o seu aprendizado reflexo pelos próprios índios e pelos portugueses. Busca as formas gramaticais espontâneas e capta a riqueza semântica de infinita variedade. Explicita isto na "Gramática da língua mais usada na costa do Brasil" e no "Vocabulário" (dicionário). Apropriada e assimilada a estrutura da língua, passa da expressão oral à linguagem escrita, redigida e burilada. Começa a compor na língua dos índios para os próprios índios.

Estava posto um marco cultural de longo alcance e incalculáveis consequências. Anchieta criara, com seus estudos da língua e a possibilidade de codificá-la, a viabilidade da

comunicação entre os portugueses e os índios, nos dois sentidos. A partir daí, os índios podiam manifestar-se para além do que neles percebia a mera observação. Mas, o que era muito mais para o apóstolo, ele fornecera aos índios a via para captar e acolher a mensagem evangelizadora e aos Jesuítas seus companheiros o instrumento para anunciá-la. Explicitando reflexamente a estrutura da língua indígena, Anchieta tornava possível a interação dos dois idiomas, do tupi e do português. Lançava assim realmente alicerces do que viria a ser uma das componentes mestras da língua portuguesa falada no Brasil, isto é, sua amálgama com a vertente indígena de seu léxico e de sua semântica.

Posteriormente a ele, com o advento das populações africanas, fenômeno análogo iria produzir-se com a paulatina integração afro-brasileira em nosso vocabulário. Assim o Brasil, país inter-racial se tornaria também interlingüístico, na índole de sua expressão escrita e muito mais oral. Anchieta está à raiz de tudo isto, no que toca a constituição da população autóctone.

Mas, há mais ainda. Intuindo e detectando nas diversas línguas das várias tribos traços comuns de uma mesma família lingüística, o tupi, Anchieta presta aos índios um serviço inestimável. Doravante eles poderão comunicar-se entre si para além das conotações dialetais dos diferentes grupos. Mantidas as devidas proporções, Anchieta oferece a esta nação o instrumental possível integração lingüística que, com a futura unidade religiosa, irá consti-

tuir-se em fator fundamental para permitir a unidade de povo na imensidade de território.

Dominando a língua oral e traduzindo-a em língua escrita, por um lado, observando e registrando a significação do quadro cultural indígena, por outro, Anchieta se projeta como pedagogo pioneiro, na valorização do todo da pessoa no processo do aprendizado, algo que a psicologia e a antropologia iriam tentar sintetizar com a pedagogia moderna. Ele faz do teatro, que integra a língua, expressão e coreografia um elemento fulcral de educação reflexa e de crescimento humano das crianças e jovens índios, mamelucos e portugueses.

Seríamos ingênuos e pouco críticos, pensando que tudo isto foi feito intencionalmente e como que a obedecer a um roteiro pré-fixado. Anchieta é um homem do seu tempo. Apesar de muitas intuições distintas e válidas, ele se encontra no caudal de idéias, tendências e orientações que caracteriza esta fase da civilização ocidental marcada pela hegemonia cultural e religiosa, pelo menosprezo das outras culturas e até mesmo pelo desrespeito a elas. A pesquisa antropológica foi rigorosa com a política da colonização em todos os tempos e, consequentemente, da atividade missionária das igrejas, na medida em que elas se incorporam aos métodos e práticas do colonizador ou dele se tornaram instrumento dócil de ação.

Já muito cedo, a Igreja Católica sustou na China e na Índia os esforços pioneiros de Jesuítas como Ricci e De Nobili. Eles tentavam evangelizar a partir do contexto cultural dos povos aos quais se dirigiam. Mais recentemente, porém, na encíclica "Fidei Donum" de Pio XII e no decreto "Ad Gentes" do Concílio Vaticano II, a Igreja reconhece a necessidade de uma reformulação da metodologia de sua ação missionária. Ela frisa a necessidade de possibilitar o diálogo entre as culturas, sem que cada uma seja levada a sacrificar sua identidade e seus valores. A Igreja passou mesmo a ver a diuturna e progressiva elaboração de uma cultura como ação do homem marcada já pela presença de Deus, embora um Deus nem sempre ainda conhecido. Algumas missões no Brasil, como a dos Jesuítas no Mato Grosso, que se chama precisamente Missão Anchieta, tentaram uma reformulação profunda de seu trabalho, baseando-o mais no respeito à identidade indígena do que no afã de sua imediata conversão. Extrapolando do ponto de vista eclesial, este é o problema de fundo que se coloca inevitavelmente à base de toda a interação entre a sociedade tradicional de pequena escala e a macro-sociedade chamada desenvolvida, Nos Estados Unidos como no Brasil, na África como na Indonésia, este problema estará sempre vivo por muito tempo ainda. O que tentei sublinhar acima é que uma análise de, certas intuições e práticas de ação de Anchieta, menos conscientes talvez para ele mesmo do que o são hoje para nós, representam subsídios válidos e, de qualquer modo, pioneiros, em relação ao tempo cronológico e cultural em que ele viveu.

Comunidade

Há outro aspecto do trabalho de Anchieta que merece destaque: sua concepção de evangelização como um serviço ao homem todo e não somente à sua alma. Por muito tempo a própria Igreja conviveu com uma forma de dicotomia teórica e prática, que dissociava o bem espiritual do homem da realidade material de seu ser e de seu agir. Tornava-se possível, pois, "evangelizar" sem promover. Tentava-se cristianizar pessoas às quais faltava um grau mínimo de humanidade na vida para serem até mesmo consideradas como pessoas. Em passado mais recente e principalmente depois do Concílio Vaticano II, a Igreja se fez mais consciente da realidade total do homem e da independência nele de suas dimensões espirituais e material. Ninguém expressou melhor esta intuição do que Paulo VI em sua Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi", de 1975, catalizando a visão predominante do episcopado mundial, principalmente dos Bispos da África e da América Latina. A evangelização não se faz sem a concomitante promoção integral do homem. E nenhuma promoção humana será plena sem a evangelização. Este tema tem voltado com frequência aos lábios de João Paulo II, no México como na França, na África como na Polônia.

A atividade missionária de Anchieta, cuja nota de aculturação sublinhamos acima, se desdobrava, de fato, como uma ação integradora e não desagregadora. Evangelizar para ele era não somente anunciar o Evangelho ao índio mas também de-

fender-lhe os direitos, ajudar a fazer crescer, humana e socialmente, promover, numa palavra, o índio, o mameluco e o português. Qualquer que seja o seu grau de consciência a respeito deste fato, Anchieta está em ruptura com muitos aspectos da prática colonizadora de seu tempo. Um trabalho ainda por ser feito, com rigor sócio-antropológico, é a individualização e análise das aldeias indígenas fomentadas por Anchieta em algumas regiões do Brasil. Não podemos julgá-las, creio, exclusivamente à luz de critérios contemporâneos. Seria necessário focalizá-las também em função da pressão desintegradora que conotava a política de colonização. Pesou, por certo, o aspecto moralizante na determinação dos Jesuítas de aldear os índios. Mas, parece-me, salvo melhor investigação, que, no quadro concreto da colônia incipiente, as aldeias atuaram como pólo integrador das pessoas dos índios, sobretudo numa faixa de transição e incerteza, onde o contexto cultural indígena como um todo se achava confrontando com uma potencial e indefeso diante dela. Em que pese um certo cunho de artificialidade em relação à vida espontânea das populações brasis, as aldeias foram um catalizador lingüístico, artesanal e agrícola. Esta última dimensão se tornou particularmente relevante no processo de passagem da vida nômade para a lenta sedentarização do índio. Este dilema, de resto, permanece de pé ainda hoje. Com ele se defrontaram há 14.000 anos, na Anatólia e nas regiões do Tigre e do Eufrates as populações do tardo Mesolítico e do incipiente Neolítico. Só que elas o

fizeram ao longo de um processo evolutivo extremamente lento. Nossos índios enfrentaram a pressão avassaladora da colonização, e, hoje, a presença traumática da sociedade nacional.

As aldeias de Anchieta garantiram de algum modo aos índios uma certa preservação de sua identidade, um estímulo à socialização balanceada e um instrumento de autodefesa. Neste sentido — sempre com as necessárias ressalvas quanto à consciência e motivação do processo -, as aldeias se constituem numa política muito mais válida do que o esforço posterior de aniquilamento das populações indígenas em boa parte do século XVII ou ao desrespeito à sua identidade e aos direitos que vêm caracterizando o século XX. Elas representam, sobretudo do ponto de vista sociológico, um corretivo ao vírus individualista da nascente modernidade, que se haveria de afirmar no século XVIII e XIX e cristalizar-se na tradição liberal das revoluções Francesa e Americana. Esta dimensão individualista e competitiva, que veio a caracterizar os tempos modernos traduzia antes de mais nada em suas formas, a hegemonia econômica do mercado e do capital, destruiu, sem sequer descobrir ou valorizar, um dos traços menos modernos, sim, mas permanentemente válidos, da sociedade de todos os tempos: a comunidade.

Todo o esforço de Anchieta na abordagem dos índios, em constante com as correntes teóricas de seu tempo e sobretudo com as práticas operativas de seus contemporâneos, foi a de preservar e valorizar neles esta característica comunitária, essencial à índole da sociedade tribal.

Curiosamente, tanto a sociedade profana, como a Igreja, se voltam hoje para a valorização da participação e da comunhão, do relacionamento interpessoal, da edificação de comunidades, como elemento não só metodológico, mas essencial mesmo para a sobrevivência do homem, ilhado e asfixiado por uma sociedade moderna a um tempo dispersiva e anônima.

Penso que é por tudo isto que, inerte há três séculos, o processo de beatificação de Anchieta foi retomado, dinamizado e concluído. Nossa época nos fornece um instrumental de análise que nos torna bem mais críticos do que fases anteriores. Não há negar, porém, que Anchieta, proposto agora à nossa atenção e veneração, é uma figura sugestiva e de muita inspiração para a solução de problemas e situações que nos afligem, justamente em consequência das aberrações de tempos que se pretendem modernos, mas que sepultaram valores permanentes do homem, valores que as populações não contaminadas, por nós chamadas de "primitivas", nos podem oferecer. Anchieta viveu-as muito de perto. Em contraste com o seu tempo, intuiu e captou estes valores. Remando com a corrente ou contra ela, ele se constitui numa figura que fascina. Como todo homem que se destaca, sua concepção e ação serão sempre diversamente avaliadas. Não ficam dúvidas, porém, sobre o teor incondicional de sua dedicação a Deus, de sua entrega pelos irmãos e do potencial inspirador de sua vida.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO

Pe. Umberto Pietrogrande, SJ

Anchieta, ES

I. Introdução

Tendo feito em 1964, sua opção preferencial pelo agricultor — melhor dizendo pelo roceiro — homem mais empobrecido da região (o Estado do Espírito Santo) — o MEPES se pôs à procura das causas mais profundas de sua marginalização pelo sistema sócio-econômico atual e das soluções adequadas e viáveis que fossem à raiz da situação.

Quanto às causas, depois de séria pesquisa, chegou-se ao seguinte diognóstico:

- a) Acentuado êxodo rural (migrações constantes para a cidade); investimento na educação dos filhos,
 fora da região e falta de retorno do
 que se gastou; saída dos elementos
 mais capacitados, depois dos estudos, provocando cada vez maior empobrecimento humano na região; formação de marginalidade na cidade
 e os conseqüentes problemas sociais
 acarretados nos grandes centros pelo
 superpovoamento e despreparo das
 massas migrantes (favelas, bóiasfrias, criminalidade, violência, etc.).
- b) Desconfiança atávica do homem rural e resistência à mudança social e técnica, imposta de fora.

- c) Desligamento total entre a educação e a realidade; métodos didáticos preocupados apenas com a transmissão de conhecimentos; inexistência de unidades educacionais no e para o meio rural; total ausência de uma prática educativa menos individualista e que conjugasse harmonicamente: a educação do jovem, a promoção da comunidade, o desenvolvimento técnico e social.
- d) Problemas familiares graves: o filho promovido pelo estudo nos grandes centros não mais encontra condições de convivência com os pais e irmãos.
- e) Total alienação do jovem em relação às transformações de seu meio e a fuga como solução.
- f) Relações pessoais muito precárias. Com os homens: dominação e exploração por outros grupos; falta de conhecimento da própria dignidade e dos próprios direitos, redução do homem rural a mero objeto. Com Deus: religiosidade mesclada de sincretismo, sentimentalismo e bem longe de uma relação mais filial com Deus-Pai. Com a natureza: ineficiência na exploração, falta de conhecimento e domínio dos fenômenos naturais.

- g) Ausência de infra-estruturas básicas para educação geral, técnica, social, sanitária.
- h) Total dependência das situações urbanas (comércio, crédito, etc...).
- i) Uma sociedade por demais estática, conservadora, sacralizada.
- j) Ausência de elementos qualificados e, de especial dos educadores religiosos, nestas áreas tão exigentes de pessoas comprometidas, criativas, disponíveis e liberadas para um trabalho com os mais marginalizados do sistema.

Diante de tal situação restava encontrar uma resposta adequada... Os documentos eclesiais -- Gaudium et Spes (Vat. II); M. et Magistra (João XXIII); Populorum Progressio e Pacem in Terris (Paulo VI), os Documentos de Medellín, orientaram nesta busca.

Urgia encontrar um caminho que concretizasse as aspirações da Igreja, e que, pouco, fosse também acenando à vida Religiosa um tipo de
engajamento e compromisso com os
mais pobres através de serviços educacionais qualificados e a eles acessíveis.

A Igreja na voz de Paulo VI dizia:

- "... Os homens devem reduzir desigualdades, combater discriminações, libertar o homem da servidão e torná-lo capaz, por si próprio, de ser o agente responsável de seu bemestar social, material, progresso moral e desenvolvimento econômico".
- "... Todos os homens têm direito de serem libertados da miséria e

de encontrarem com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável, terra, maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situações que ofendam a sua dignidade..."

Só buscando um espírito e um programa, uma pedagogia e a proposta de novo estilo de vida, no qual a participação e a comunhão de todos pudesse ir se concretizando, seria possível atingir os grandes objetivos propostos pela Igreja e de fato exigidos pela situação humana do homem rural, escravizado, subjugado e marginalizado pelo sistema.

Surgiu então, em 1968, como n-tidade jurídica, o MEPES, criando-se assim uma estrutura ágil e dinâmica, formada com o homem rural e para ele e colocando ênfase na participação das pessoas e comunidades, como elemento básico de sua promoção.

Na educação promocional encontrou seu ponto de apoio, buscando então, para seus 4 setores — Educação do jovem, Educação para a saúde, Formação comunitária e Formação de agentes — uma metodologia adequada e condizente com os seguintes marcos teóricos estabelecidos.

II. Marcos teóricos

1 — O homem ao centro: ser inserido na realidade concreta; ser capaz de harmonizar humanismo e tecnicismo; ser não apenas racional e
inteligente, mas, relacional: com os
cosmos, com os outros, com Deus;
ser capaz de refletir, participar, libertar-se; ser dotado de liberdade,
capaz de opção no seu processo de
existir.

- 2 Educação promocional, base da ação reflexiva: a ação sem reflexão, marginaliza; a reflexão sem ação, aliena. O MEPES optou por um sistema educacional que une dialeticamente, em todos os seus programas, a ação e a reflexão, garantindo, desta forma um atendimento integral da pessoa.
- 3 Aceitação do pluralismo: procura na prática de uma integração ecumênica, pluri-social, pluripolítica, pluri-econômica; vivência de uma abertura aos grandes valores que possam fazer crescer o homem, sendo ponto convergente dos mesmos a visão cristã do homem e da sociedade que o MEPES adotou; possibilidade de se viver uma espiritualidade comunitária como cimento de unificação de diferentes experiências; possibilidade de encontrar uma linha espiritual comunitária entre sacerdotes, religiosos e leigos, no respeito às respectivas diferenciações e nascida de uma necessidade diária do trabalho em comum.
- 4 Intercâmbio: estreitamento de laços a nível local, regional, nacional e internacional na busca de soluções comuns para os grandes problemas comuns; permuta de recursos econômicos e humanos e a partilha de valores, especialmente dos que nascem da convivência, diálogo e solidariedade.
- 5 Participação do homem como sujeito da promoção: primazia em todo e qualquer programa da responsabilidade pessoal e comunitária dos elementos em cuja promoção colabora; ênfase colocada na integração e participação responsável de todos membros no crescimen-

to da comunidade e na transformação social.

"O que se quer não é oferecer caminhos fáceis abertos por alguns "esclarecidos", mas levar o homem marginalizado e desprovido, a encontrar, com a colaboração de outros, a força de dar o 1º passo e outros sucessivos para a solução de seus problemas e modificação de seu meio".

6 — Comunidade engajada e aberta: correção da visão individualista do homem, pela conjugação de uma visão do homem ser comunitário que "luta com e não contra os outros"; comunidade globalmente engajada no processo de sua evolução, aberta e à procura de superação das tensões, dos problemas gerados pelo crescimento...

III. Área de atuação

Comunidades rurais dos seguintes Municípios capixabas: Ao Sul: Anchieta (onde fica também a sede do MEPES), Alfredo Chaves, Iconha, Rio Novo do Sul, Piúma. Ao Norte: São Mateus, São Gabriel da Palha, Rio Bananal.

IV. Programas criados

Escolas da Família Agrícola (EFAs); Centro Comunitário de Saúde (CCS); Departamento de Ação Comunitária (DAC); Centro de Formação de Pessoal (CFP).

V. A Escola da Família Agrícola (EFAs) do MEPES

1º — Introdução: "Procure a vida onde ela reina. Não traga as árvores para a classe. Leve a classe para baixo das árvores. Frustra-se o educando do espetáculo do mundo, para oferecer-lhe, ao invés disto, um amontoado de informações" (R. Tagore).

A EFA não é fórmula original do MEPES. Surgiu há 40 anos na França (onde tem seu berço e a sede internacional da Associação Internacional das Escolas Famílias Rurais) e se expandiu pela Itália, Espanha, diversos países da África e da América Latina, revelando-se especialmente nos países africanos e latinoamericanos, para a educação do jovem e da Comunidade rural.

No Brasil o MEPES é o pioneiro na adaptação e implantação do modelo. A EFA se define como instituição onde se encontram educadores, pais, jovens, comunidades, entidades diversas, numa convergência de iniciativas, atividades, responsabilidade com a finalidade de promover o homem rural.

2º — Caracterização da EFA. A EFA é uma escola diferente das outras porque:

Une em todo o processo educativo Escola-Família, E n s i n o-Vida, Teoria e Prática.

Educa com a família e não aceita delegação desta para educar em seu lugar.

Usa metodologia e pedagogia adequadas à promoção do jovem e seu engajamento simultâneo nas tarefas familiares e comunitárias.

Tem um regime de trabalho bem diverso da escola comum, com o ano escolar, currículos, programas e avaliação, organizados de forma adequada à visão da educação que o MEPES adotou.

O ingresso nas EFAs de 1º grau é feito a partir de 14 anos e a duração do curso é de 3 anos. Entretanto já há uma adaptação (na EFA de Olivânia) para crianças de 10-11 anos e curso de 4 anos.

Tem um sistema de avaliação que leva em consideração a opinião do próprio jovem, da família e dos monitores da EFA.

É uma escola igual às outras porque:

É reconhecida pelo Governo do Estado através do Conselho Estadual de Educação sendo seu 1.º grau equiparado ao supletivo de suplência, para fins de validade do certificado de conclusão de curso.

Seu certificado confere pois, aos concludentes as mesmas garantias e direitos de qualquer outro de outra Escola reconhecida.

Qualifica pré-profissionalmente o jovem (no momento, em técnicas agrícolas, mecânica, administração do lar).

Seu 2º grau é reconhecido também pelo Conselho Estadual de Educação, que lhe permitiu, funcionar com a mesma metodologia, sendo válido como curso comum de 2º grau, formando técnicos em agropecuária e realizado em 7 semestres, sendo o último reservado a um estágio de caráter social.

Já há uma experiência da metodologia para crianças com 10-11 anos, dentro de exigências mínimas do fundamental, sendo o curso realizado em 4 anos e não em 3 anos como nas EFAs equiparadas ao supletivo.

3º — Bases estruturais e metodológicas. As características marcantes da EFA são: o regime de alternância, a responsabilidade das famílias.

Forma e lógica deste tipo de Escola e bases do método que justifica a alternância e permite o exercício da responsabilidade das famílias são: O Plano de Estudo, O Caderno da Propriedade.

É um método onde tudo se liga, formando um todo coerente: período na família e na propriedade, teoria e prática, interesse, aquisição de conhecimentos, exercícios, educação.

O Regime de Alternância. É a porta da Escola aberta à vida e a porta da vida aberta à escola.

Consiste na repartição do tempo de formação dos jovens em períodos passados na EFA (internato) alternados com períodos vividos na família, acompanhados pela escola e pela família. Os períodos na EFA do MEPES têm sido:

1º grau — 1 Sessão (semana) na EFA e duas semanas na família.

2º grau — 1 Sessão (15 dias) na EFA e duas semanas na família (são 13 sessões anuais para cada grupo).

1º grau — (experiência nova) semi-internato, rodízio semanal.

Na prática este regime permite colher os seguintes benefícios:

Recuperação dos valores do internato (aquisição de hábitos sociais, higiênicos, convivência), sem alienação da família.

Garantia de formação global pela possibilidade de refletir sobre a experiência vivida e a própria realidade analisada por meio de várias atividades durante os períodos escolares e de observações constantes nos períodos em que o jovem vive com a família, podendo assim ter uma visão crítica da realidade.

Fortalecimento do engajamento nas atividades familiares e comunitárias, impedindo que o jovem se transforme em mero espectador da transformação de seu meio.

Possibilidade de imediata aplicação das aquisições da aprendizagem (técnicas, sociais, sanitárias).

Condições de fomentar o diálogo do jovem com a família e a comunidade, superando o conflito de gerações de forma mais suave e contribuindo para a promoção da família.

Primazia da vida sobre a escola. Não é possível coexistirem de modo estanque, 2 tipos de educação — a recebida no meio ambiente (família e comunidade) e a educação formal proporcionada pela Escola. A alternância permite a junção das duas influências. Os conteúdos do ensino são vinculados ao meio de vida do aluno: seus relacionamentos e trabalhos.

No período da EFA possibilita-se a formação para assumir a responsabilidade da própria vida. Progressivamente os jovens são convidados a encarregar-se da Escola (em pequenos grupos se revezam na manutenção do prédio, tarefas domésticas, etc...).

Valorização da própria realidade como instrumento pedagógico. A simples instrução é menos considerada que a aquisição de atitudes: o raciocímio, a observação, o julgamento crítico. A vida é educadora, mais que a escola com seus controles artificiais. Desde o início é o jovem que se educa a si mesmo. A vida é informadora também: o aluno adquire uma série de informações na família, no trabalho e no meio e ali pode experimentar, sempre de forma mais viva e profunda o que é essencial no ser humano, sua relação dialogal com os outros homens e o domínio da natureza.

A maior participação dos pais na educação dos filhos, devendo o monitor da EFA manter estreita relação com as famílias e as Comunidades e desenvolver uma verdadeira metodologia de animação para os pais.

A Escola passa a ser um serviço educativo da comunidade.

A responsabilidade das famílias. A responsabilidade individual e coletiva dos pais é um dos aspectos mais importantes da metodologia da EFA. A EFA é uma Escola expressão da própria comunidade e não a expressão de uma "elite", uma vez que o fundamento da educação na EFA é a relação com o meio social e profissional e a sua transformação.

O rompimento da estática social do ambiente rural, por meio da educação, tem na participação da família, um ponto de apoio forte e eficiente. Esta participação se dá nos seguintes níveis:

Participação pessoal da família na e s c o l a: acompanhamento dos Planos de Estudos (em casa); avaliação do filho, no período vivido em casa; visitas à EFA e colaborações diversas; acolhimento e diálogo com o monitor em visitas periódicas às famílias.

Participação grupal: através dos Conselhos Administrativos (são os próprios pais que, junto ao coordenador da EFA, gerem a EFA); encontros, assembléias locais, participação em cursos.

Participação global: através do Conselho Geral da EFA (integrado por 1 pai de cada EFA e que se reúne bimestralmente); através da Assembléia Geral anual realizada com a plena participação das EFAs (país, monitores, ex-alunos).

49 — Instrumentos Pedagógicos

a) Plano de Estudo

Este é instrumento de decisiva importância para a integração da vida-escola e serve de base para a participação da família, no processo educativo. Consiste num guia de observação, composto de perguntas ordenadas, elaboradas pelos alunos, sobre um tema anteriormente escolhido ou programado, dentro das atividades de formação do ano escolar.

As respostas vão ser pesquisadas durante o período em que o aluno está em sua casa, com a participação de seus pais e de membros da comunidade. Desta forma o jovem terá amplo conhecimento sobre o que e como se faz em sua casa e/ou comunidade, a respeito das diversas

atividades profissionais, sociais, etc. Ao participar das atividades geram também observações relacionadas com o tema. Deve anotar tudo, a cada dia. Sintetiza e revê as respostas com os pais, ao fim do período vivido na família.

Na volta à EFA cada jovem revê e corrige sua síntese individual com a ajuda do monitor. Faz a colocação em comum, com ampla discussão das respostas, pelo grupo. É feita a síntese geral que depois é passada por todos no caderno próprio. A partir da discussão em comum os monitores planejam e desenvolvem os conteúdos técnicos e gerais das várias matérias.

Etapas de preparação do Plano de Estudo:

1º — Na EFA: a) Preparação do trabalho pelos monitores (estudo da realidade, escolha do assunto, com base na realidade local, currículo, capacidade dos alunos, etc...); b) preparação do trabalho com os alunos (motivação, levantamento de questões sobre o assunto, feita de forma individual e em grupo); c) revisão das perguntas e elaboração definitiva do questionário pelos monitores. Estas devem permitir: comparar, refletir sobre as causas e evolução do problema analisado; d) dis-

tribuição do plaso de estudo com explicação detalhada.

- 2º Em casa: mostrar aos pais; anotar diariamente as informações colhidas com os pais e a família; elaborar a redação para o caderno da propriedade.
- 3º Na EFA: Correção individual com o monitor; colocação em comum, discussão, sínteses, levantamento de novas questões, reflexão; elaboração da síntese definitiva; utilização dos resultados pelo monitor e pelo jovem.

O Plano de Estudo possui algumas funções como: concentrar o seu interese na vida, na família e na comunidade; estimular a crítica da realidade, tomando consciência dela e tomando decisões diante dela; motivar as aulas desde o início do processo de aprendizagem, apresentando situações-problemas, despertando e estimulando o interesse; evitar a dispersão do ensino, centrando-o na vida e interesse do educando; valorizar e dar significado à alternância; favorecer a comparação de experiência e reflexão entre os alunos, orientando-os para desenvolvimento da expresão oral e escrita; orientar o jovem na aquisição da atitude e método de pesquisa.

FUNÇÃO DO PLANO DE ESTUDO

- Aprendizagem da expressão. 2.
 Motivação e interesse para o meio.
 Motivação e interese para o curso. 4. Conhecimento do meio. 5. Capacidade para analisar situações con-
- cretas. 6. Tomada de consciência da nossa situação.
- O Plano de Estudo é ao mesmo tempo uma tomada de consciência e

uma metodologia para esta tomada de consciência. Descobrir a própria realidade e refletir sobre ela. Adquirir instrumentos de ação para maior tomada de consciência. Transformar a realidade: pessoal, social.

Plano de estudo: o nosso combate às doenças

Aquele que um dia decidir de escrever a história do nosso povo daqui, deverá dedicar um capítulo bastante comprido dessa história só para contar a maneira com a qual este povo, que viveu por muito tempo, enfrentou as doenças e tratou dos doentes. Mas, para conhecer esta história, nós não precisamos esperar que alguém se decida a escrever um livro. Nós mesmos podemos contá-la aos nossos filhos. Como no início do ano contamos a eles a história dos antigos da nossa família, vamos agora contar a eles outro capítulo da nossa história.

1 — Nos primeiros anos depois que chegamos nesta região, quais eram? 2 — Como se pegava estas doenças? 3 — O que estas doenças provocavam nas pessoas? 4 — Quais eram as dificuldades com os doentes daquele tempo? 5 — Que recursos tínhamos em casa para tratar dos doentes? 6 — E quem nos ensinou a usar estes recursos? 7 — Que resultados davam estes recursos?

Sempre houve no interior curandeiros e benzedores e outros tratadores que eram procurados para tratar de alguns casos de doença.

8 — Para quais doenças eram procurados os curandeiros e benzedores? 9 — Como os curandeiros

tratavam os doentes? 10 — Como os benzedores tratavam os doentes? 11 — Que diferenças encontrávamos entre um e outro na maneira de tratar? 12 — Que resultado dava procurar estes tratadores?

O tempo foi passando... e as coisas foram mudando.

13 — Quais doenças foram desaparecendo? 14 — Cómo se conseguiu acabar com estas doenças? 15 — Quais são as doenças que mais aparecem por aqui no dia de hoje? 16 — Que recursos temos hoje para tratar dos nossos doentes? 17 — Quais as facilidades para tratar dos doentes hoje em dia? 18 — E quais as dificuldades?

Uma vez tinha quase só curandeiros e benzedores para tratar das doenças. Com o tempo foram aparecendo muitos médicos e farmacêuticos.

19 — Para quais doenças ainda procuramos o curandeiro e benzedor? 20 — Para quais doenças procuramos o médico e farmacêutico? 21 — Que vantagens tem em se tratar com os médicos e farmacêuticos? 22 — Que difculdade temos em mexer com os médicos e os farmacêuticos? 23 — Alguns acreditam mais nos remédios da farmácia, enquanto que outros acreditam mais nos remédios feitos em casa. Nós, o que achamos?

COLOCAÇÃO EM COMUM DO PLANO DE ESTUDO

Há uns 30 ou 40 anos atrás começaram a chegar nesta região os primeiros moradores, vindos principalmente do sul do Estado. O que eles toparam foi uma natureza ainda selvagem e tiveram que lutar para civilizá-la. Nesta situação pelejaram com uma série de doenças, como: empaludismo, tifo, febre amarela, amarelão, etc...

Não era muito fácil lutar contra estas doenças, porque os recursos eram poucos, as distâncias eram grandes e havia poucos médicos e farmacêuticos. Para o povo não tinha outro jeito senão: usar óleos de plantas e banhas de animais; fazer chá, banhos, garrafadas, emplastos com raízes, folhas, flores, frutos, cascas, ervas do mato; usar óleos de plantas e banhas de animais; em alguns casos procurar os benzedores e curandeiros.

O uso de ervas, raízes e banhas foi um costume que o nosso povo aprendeu dos antigos e, na opinião de alguns, é dos índios que vem pelo menos alguns destes conhecimentos. Sabendo-se que o nosso povo não aprendeu de médicos e farmacêuticos a preparar estes remédios, dá para pensar que ele, aproveitando dos recursos e conhecimentos que tinha foi tentando,... tentando... até descobrir alguns remédios que davam certo e que ainda hoje estão dando certo.

Falando de benzedores e curandeiros, vimos o seguinte:

As doenças que eles tratavam eram: cobreiro, espinhela caída, impinge, izipra, mau olhado, dor d'olho, mal de Semiot, vento caído, boqueira, sapinho, etc... Pode-se ver que a maioria dessas doenças são mais ou menos mansas e pode ser que às vezes o corpo sozinho conseguiu vencê-las.

Para tratar destas doenças o benzedor só benzia, rezava ou cozia, enquanto que o curandeiro ou tratador sempre dava uma garrafada, aplicava um emplasto ou passava alguma banha. Também os benzedores muitas vezes não só rezavam, mas ainda aplicavam um remédio, faziam uma massagem ou mandavam o doente fazer alguns exercícios com o corpo. Este jeito de tratar dá para desconfiar: aquilo que curava o doente era a reza ou era o remédio, a massagem, o exercício com o corpo?

Uma vez a maioria das pessoas acreditavam nos benzedores e curandeiros, enquanto que hoje muitos não acreditam mais. Quem ainda acredita diz que o tratamento de um curandeiro ou benzedor dá certo só se a pessoa tiver fé. Mas há outros que dizem que procurando essa gente para se tratar, pode se prejudicar a alma. Então, QUE FÉ É ESSA DE QUE ALGUNS FALAM? É a fé da Igreja ou é uma crença pessoal muito forte que faz com que uma pessoa acredite piamente que vai melhorar e acaba melhorando mesmo?

Tem algumas pessoas que não vão à Igreja e nem têm a fé da Igreja. Vamos imaginar que uma destas pessoas tenha que se tratar de um "desloncado", ou de uma impinge, ou de uma dor d'olho etc... Será que um tratador conseguiria curar esta pessoa que não tem a fé da Igreja?

Hoje em dia temos mais recursos para combater as doenças; inclusive temos mais vacinas, mais médicos, mais farmacêuticos, mais hospitais e ainda temos a assistência do Sindicato e do INPS.

Ao que parece o povo hoje tem mais confiança nos médicos e farmacêuticos, porque eles estudaram mais, conhecem mais as doenças e se diz também que eles receitam remédios melhores. De fato o povo hoje em dia aproveita mais estes recursos porque tem mais condições para isso.

Mas nem com os médicos tudo é tão fácil assim. Os pais apontaram as seguintes dificuldades: As vezes é difícil chegar para conversar com um médico. As vezes os médicos não dão muita atenção. Às vezes não se encontra o médico na hora que se precisa. As consultas e os remédios são muito caros. Internar um doente, às vezes, é difícil e as pessoas nem sempre ficam satisfeitas com o atendimento do hospital. Muitas vezes o médico receita um remédio... depois receita outro, depois manda voltar... manda fazer um exame... manda fazer um outro exame... e assim a gente vai gastando uma nota. É muito difícil o médico receitar um remédio que pode ser preparado em casa. Uma consulta do médico acaba quase sempre com uma receita para comprar os remédios da farmácia.

Um agricultor falou: "Com médico e farmacêutico o negócio é o seguinte: Se tiver dinheiro as coisas saem tudo fácil, mas se não tiver o dinheiro!..." Discutindo tudo isso com os alunos, a conclusão a que chegamos é que é bom confiar nos médicos, porque precisamos deles e eles podem ajudar em muitas coisas. Mas desconfiar um pouco também é bom!

Procurar os médicos para qualquer caso de doença pode viciar, porque no fim podemos acabar pensando que só eles sabem cuidar direito da nossa saúde. Será que nós também não sabemos cuidar da nossa saúde e tratar de algumas doenças? Muitos dos nossos remédios caseiros não continuam dando bons resultados? Portanto, ao que parece, não devemos dispensar o tratamento dos médicos e os remédios da farmácia e nem os nossos remédios feitos em casa.

Caderno da Propriedade

É o cadorno de anotações pessoais, no qual se revelam as atitudes, os gestos, a personalidade de cada um. Ele assegura a unidade entre a Escola e a Família, entre os monitores e os pais. Tem valor próprio, independente das áreas de ensino. Tem prioridade na formação do adolescente como análise da realidade. Ajuda à família a ampliar a disponibilidade para aquisições técnico-profisionais, econômicas, sociais.

Aspectos da organização do processo ensino-aprendizagem

Currículos. A EFA tem um tríplice objetivo promocional: promover o jovem, promover a família, promover a comunidade.

Por isso tudo nela é realizado numa ação comunitária, com participação dos pais e agricultores. Seu currículo é organizado visando estes objetivos e baseando-se nos princípios da alternância, convívio dos alunos, objetividade dos assuntos, pluralismo e motivação dos valores humanos. As atividades curriculares são de dois tipos: as de formação técnico-científica, as de formação humano-social.

Procura-se, além disto, na elaboração do currículo o atendimento das exigências essenciais da legislação de ensino. A grade curricular prevê atendimento do núcleo comum, da educação geral e formação especial com uma carga horária de 1.360 horas/ano, de forma a permitir: tornar o jovem ativo e interessado no processo da auto-educação; permitir ao jovem a aquisição de uma completa formação geral, aliada ao senso crítico e condições de opções pessoais; associar os pais e a comunidade nas atividades de formação.

Sistema de avaliação. O objetivo da avaliação na EFA é aquilatar se houve a esperada formação e o desenvolvimento pessoal de cada jovem, a fim de que progridam conforme seus meios e qualidades. Esta avaliação é realizada em conjunto: o próprio jovem, monitores, pais e outras pessoas que intervêm no desenvolvimento e na formação dos jovens. A avaliação é contínua quer quanto à mudança de comportamentos, quer quanto à verificação da aprendizagem de conteúdos. Procura-se que seja garantida no processo da avaliação a participação dos elementos já citados, através de um documento utilizado pelas EFAs e se denomina "Caderno de Avaliação".

Recursos Pedagógicos Específicos.

O relacionamento amplo do jovem com a vida é o fator preponderante na educação da EFA. A fim de pos-

sibilitar ou facilitar este relacionamento e também de ampliar as possibilidades de intercâmbio do homem rural com outras realidades rurais e urbanas, a EFA utiliza-se de alguns recursos pedagógicos específicos. Estes recursos são todos utilizados com a colaboração ou participação dos Pais e Comunidades e são os seguintes:

Estágios técnicos em propriedades agropecuárias e hospitais. Estágios Sociais (3º ano do 1º grau e 7º semestre do 2º grau) realizados em ambientes sociais diversos que exijam ajuda e doação dos estagiários (creches, paróquias, comunidades de bases).

Serões — encontros noturnos com pessoas da Comunidade ou outras para informação e reflexões diversas (Prefeitos, vereadores, líderes Sindicais, Médicos, sacerdotes, Técnicos diversos, etc...). Viagens de Estudo (3 anos, principalmente) a fim de conhecerem e analisarem realidades novas como quadro de referência para crítica e valorização da própria situação. Visitas periódicas dos monitores às Famílias no período de permanência do jovem, a fim de estimulá-lo e melhor conhecer a família.

Propriedade agropecuária demonstrativa. Cada EFA tem uma pequena propriedade (2 alqueires) com tríplice finalidade: ser demonstrativa (boa produtividade), por causa do adequado cultivo, apesar de ser pequena; permitir experiências novas; ajudar a manutenção da EFA. Realização de festas na EFA (sociais, esportivas). Participação na vida da comunidade (aspectos religiosos, sociais, esportivos, etc...). Realização de cursos diversos para pais e agricultores da região. Promoção de palestras nas Comunidades sobre assuntos de interesse das mesmas (sindicalismo, cooperativismo, s a ú d e, educação, etc...).

Prédios. São muito simples, construídos conforme exigências da região rural, sendo sua estrutura e acabamento realizados de forma a motivarem os pais a também introduzirem melhorias em suas casas (sanitários, chuveiros, jardim, etc.). A capacidade e equipamentos são para grupos de 25-30 alunos, número máximo por turma (alojamento, refeição, estudo) e possibilidade de acolher todos os pais (90 pessoas) nas Assembléias e também de oferecer condições de moradia para os monitores que devem, na medida do possível, residir na EFA ou em suas proximidades.

Comunidades — Pais — MEPES: alimentação e transporte dos alunos; manutenção do prédio e equipamen-

BIBLIOGRAFIA SOBRE AS EFAS

É ainda escassa no Brasil. Alguns trabalhos importantes: A.P.E.F.A. — Otra Escuela en América Latina — Editorial Bonum. Maipu, 859 — Buenos Aires, 1974. Daniel, Bruno (MEPES) O Plano de Estudo. Escritório do MEPES, Anchieta (ES), 1977. Charpentier, Magui, Plano de Estudo, idem, 1976. Gianardoli, R. Lúcia. Nova perspectiva para a educação rural: pedagogia da Alternância (tese de mestrado) — PUC-RJ, 1980. Pessoti, Alda Luzia — Escola da Família Agrícola — (Tese de mestrado) Fundação Getúlio tos inclusive 1 veículo; pagamento dos salários.

Implantação e Manutenção. Economicamente, no momento atual, é um tripé estrutural que se ocupa da instalação da EFA. Comunidade: aquisição do terreno e construção do prédio. MEPES: preparo de monitores (centro de formação), aquisição de equipamentos (convênios diversos).

Equipe de Educadores. Cuida-se que os educadores vivam também em estado de educação permanente. Há várias atividades (semanas de aprofundamento espiritual, técnico, cultural) para isto. A equipe que dinamiza uma EFA, em geral é assim formada: 4 monitores (sendo 1 coor-'denador, escolhido pela equipe a cada ano); 1 zelador (cuida da propriedade); 1 dona de casa (responsável da casa e cozinha e do clima de família no ambiente). Além disto, na estrutura do MEPES, há pessoal de apoio: (Presidente, Secretário Executivo, Administrador, Professores para os diversos cursos, etc.).

Vargas, RJ, 1978. Cujo, Philippe — Alternancia y participacion: uma metodologia operacional, 1978. Centro de Formação do MEPES — Documentos diversos. Escritório Central do MEPES — Documentos diversos. Granerau, A. Le Livre de Lauzun — Paris — 1968. Bulletin de liaision de L'Associations Internacionales de Maisons Familiales Rurales (mensal) — 58, Rue Reaumur, 75.002 — Paris. Le lien des responsables (mensal) 59, rue Reaumur, 75.002 — Paris. Escuelas Familiares — Uma experiencia de alternancia educativa. Editorial Magisterio Espanhol, Calle de Quevedo, 1.3 y 5 — Cer-

vantes, 18, Madrid, 14. Duffaure, A. e
Robert J. Une Méthode Active d'Apprentissage Agricole, Ed. E.A.M. — Paris.
Cortese A. e Placidi P. — Origini ed Evoluzione dell'Educazione degli adulti. —
Mimeografado. Pilone Giorgio — Relazione Finale della Ricerca su Formazione Agraria in due gruppi di Instituti Professionale per L'Agricoltura del Veneto
— Mimeografado. Duffaure, A. — Rap-

port de Mission "Maisons Familiales Rurales Amerique Latine" — Junho-julho
1971. Norma Delfia — é una Proposta
Testi di Don Zeno Stampa Plocicron —
SPA — ROMA. Benvenuti B. — L'Instruzione Professionale e l'Assistenza Tecnica nell' Agricoltura Veneta — Ed. Internazionale Tra Venezia. Documenti n.º
2 — Maggio 1969 — Ed. AIPA — BOLOGNA.

LIVROS NOVOS

O MOVIMENTO CATEQUÉTICO NO BRASIL, Pe. Ralfy Mendes de Oliveira, SDB. Editora Salesiana Dom Bosco, São Paulo, SP. Ano 1980. Páginas 200.

Um balanço completo do movimento catequético brasileiro, no século XX, seria precário sem um olhar retrospectivo, embora rápido, sobre a atividade multiforme, sobre as escolas de pensamento, sobre as correntes pedagógicas e teológicas, sobre os homens que mostraram o caminho à atual realidade que se apresenta como a mais caracterizante de um tipo de catequese que se possa dizer brasileira.

Com um salto de quatro séculos, a partir de nosso descobrimento em 1500, chegamos ao pontificado de São Pio X, retomado depois, embora parcialmente, neste setor, por Pio XI, e ao pontificado de Pio XII, com as conhecidas encíclicas doutrinais que deram impulso e consciência aos Movimentos bíblico, litúrgico e eclesiológico.

Sob o impulso do Concílio Vaticano II, passando em seguida por Medellín e Puebla e os últimos Sínodos episcopais, chegamos ao nosso hoje catequético. A caminhada prosseguiu com a alternância de passos curtos e rápidos avanços. Quase sempre, porém, em consonância com as correntes teológicas e pedagógicas importadas da Europa, respectivamente quanto ao conteúdo e à metodologia.

Só depois do Vaticano II e, mais precisamente, de Medellín, foi que nossa catequese começou a assumir características mais autóctones, inspirada numa teologia e numa pedagogia mais encarnadas e, por isso mesmo, mais condizentes com a nossa realidade. Para
penetrar na análise do fato catequético
brasileiro precisamos admitir como premissa que nossa catequese nos últimos
decênios se vem articulando em formas
peculiares que a distinguem também dos
outros países latino-americanos, com um
dinamismo operativo que é próprio de
nossa Igreja.

Nosso movimento catequético na fase atual é resultante do crescimento interno de uma Igreja muito sensível aos problemas do povo e que procura responder às exigências de um país extenso e populoso no qual a maioria das pessoas se dizem cristãs e ónde o subdesenvolvimento, bem como o sincretismo religioso em expansão, constituem um constante desafio à pastoral catequética.

Esta resposta parece encontrar hoje, como lugar mais adequado, as pequenas comunidades eclesiais, também em expansão e sempre mais tendentes a se tornarem autênticas protagonistas de evangelização e catequese. Nas páginas de O MOVIMENTO CATEQUÉTICO NO BRASIL, Você encontra um módulo de leitura e interpretação de nossa realidade catequética. O trabalho pode ser parcial e até omisso quanto a idéias, homens e fatos. Inútil, porém, não foi nem vai ser. Outros poderão corrigir e completar.

REZAR A ESPERANÇA CONTRA TO-DA ESPERANÇA, Pe. Paulo Lisbôa, SJ. Edições Loyola, São Paulo, SP. Ano 1979. Páginas 96.

Em vivo contraste com a azáfama da vida moderna que parece dominar inteiramente o ser humano, nota-se uma sede crescente de interioridade, de intimidade com aquele Deus que, unicamente, tem o segredo da verdadeira paz e no qual encontramos a chave da nossa plena realização como homens e como remidos.

Daí a floração de livros que tratam, sob um ou outro aspecto, da oração. E não duma oração comum, feita no dia-adia da vida, mas duma oração intensiva, praticada nos momentos de retiro espiritual, densos de intimidade com o Espírito que fala "em nós com gemidos inenarráveis e nos ensina a chamar a Deus de Pai". Além de guia apreciado da vida espiritual, o Pe. Paulo Lisbôa é um orientador de retiros que já adquiriu grande experiência, inclusive em cursos de exercícios de Santo Inácio, completos, de trinta dias.

Dele já temos dois outros livros: Rezar repartindo e Lucas nos ensina a rezar. Neste agora, cujo título nos lembra a figura de Abraão, o amigo de Deus que soube crer fielmente na promessa divina apesar da aparente absurvidade dos fatos, temos um manancial abundante e seguro de otimismo sobrenatural fundado na fidelidade de Deus que nunca abandona quem nele confia.

O ANÚNCIO DA PALAVRA DE DEUS, Pe. Olavo Moesch. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Ano 1980. Página 196.

Este livro é fruto, em parte, da tese A Teologia da Pregação segundo Santo Agostinho, apresentada na Universidade Gregoriana de Roma, em 1960. É, sobretudo, fruto de vários cursos sobre Teologia e Pastoral da Pregação que o Autor está ministrando em diversos Estados do Brasil, desde 1961. O livro se destina a padres, pastores e agentes de pastoral que trabalham no campo da evangelização.

Se em tempos passados houve demasiado retoricismo e um acento exagerado sobre o aspecto racional da fé, tantas vezes divorciada da vida, hoje caímos no extremo oposto. Um bom número de pregadores estão perdendo a capacidade de ensinar, preferindo uma pregação mais fácil e imediatista que, por vezes, não passa de conversa fiada. Falase tanto em vivência. E, onde o conteúdo? O presente livro tenta mostrar que, antes de tudo, é preciso reafirmar certos princípios de retórica que fazem parte do bom senso. Mais ainda, é necessário gritar dizendo que conteúdo e vivência não podem andar separados. O auditório necessita de catequese. E catequese que leva à conversão.

O livro não apresenta um manual de pregação nem se ocupa com o tema candente da pregação nas comunidades eclesiais de base. Este assunto exige ainda bastante maturação. O livro quer apresentar algumas reflexões sobre a Teologia e a Pastoral da pregação, que poderão servir como pistas para o vasto e variado campo da Evangelização.

NOVA CONSCIÊNCIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA, Pe. Ronaldo Muñoz. Tradução do original espanhol Nueva Conciencia de la Iglesia en América Latina de Jorge Soares. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Ano 1979. Páginas 294.

O último decênio da história da América Latina caracteriza-se por um aguçamento dos problemas econômicos e sociais. As maiorias oprimidas do continente aos poucos tomam consciência do cunho anômalo de sua situação, devida, em grande parte, a um sistema social

e econômico inadequado e injusto em escala nacional e mundial. Por outro lado, as resistências às mudanças no sistema dominante provoca sérias tensões, que se agravam pelas polarizações ideológicas que desencadeiam verdadeira espiral de violência: opressão, subversão, opressão...

Em tal contexto, grupos cada vez mais significativos de cristãos tomam consciência de sua responsabilidade solidária ante a libertação do homem latinoamericano e a constsução de uma nova sociedade. Mas esta tomada de consciência não se tem mostrado fácil. Enquanto os cristãos só percebem a miséria como fato imediato a exigir uma ação de ajuda e assistência, não se alteram fundamentalmente os marcos em que se pensam e se praticam tanto as relações sociais quanto a própria fé cristã. Desde o momento, porém, em que os cristãos começaram a perceber que esta miséria não é uma soma de fatos isolados ou casuais, mas um fenômeno maciço, produto necessário de estruturas sócioeconômicas de exploração, acabarão por perceber que não basta a ajuda, que pode mesmo ser contraproducente, e que o amor fraterno, para ser sincero e eficaz, deve necessariamente traduzir-se no compromisso de toda a vida numa situação de conflito que questiona radicalmente a validade do sistema dominante.

DA LIBERTAÇÃO, o teológico das libertações sócio-históricas, Frei Leonardo Boff, OFM e Frei Clodovis Boff. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Ano 1979. Páginas 116.

O discurso da libertação caracteriza a teologia latino-americana dos últimos anos, assentada sobre as práticas das Igrejas em prol dos direitos humanos, especialmente dos pobres e na ação religiosa libertadora dos cristãos comprometidos com os problemas do subdesen-

volvimento. Medellín, a encíclica de Paulo VI Evangelii Nuntiandi e Puebla oficializaram a temática da libertação, vale dizer, a relação entre fé e política, evangelização e promoção humana, lutas históricas e salvação em Jesus Cristo. Consagrou-se a expressão libertação integral.

Os autores da presente reflexão, dois irmãos, tentam fazer um balanço, à luz das grandes opções de Puebla, acerca do sentido teológico e político da temática libertação. Após uma introdução sumária aos propósitos básicos da teologia da libertação, esforçam-se por criar clareza nas várias articulações que são implicadas neste tipo de teologia: relação entre Reino de Deus e libertações históricas, entre salvação e libertação, entre discurso teológico e discurso sócio-analítico. Tenta-se abordar esta temática num estilo o mais acessível possível. O melhor método é o diálogo no qual as várias posições vêm à fala e são refletidas, pesadas, refutadas ou apoiadas. Este texto se destina aos que querem uma introdução séria à teologia da libertação e ao mesmo tempo uma exposição de suas principais dificuldades e objeções.

CÚRIA ROMANA, uma estrutura a serviço do Povo de Deus? CONCILIUM/147. Ano 1979/7. Instituições Eclesiais. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Páginas 124.

Neste número de CONCILIUM, focalizam-se diversos aspectos do tema: A
Cúria Romana e a Comunhão entre as
Igrejas. A primeirá parte faz uma apreciação teológica da posição da Cúria
Romana e uma consideração teológicopastoral, em que se trata do problema se
a Cúria, sendo, por sua origem e desenvolvimento, um órgão a serviço do Papa
como cabeça da Igreja Universal, pode
ser também um órgão a serviço da comunhão entre as Igrejas e a Igreja de
Roma. Na segunda parte tenta-se anali-

sar o funcionamento das diversas seções da Cúria e apresentar, pelo menos, alguns exemplos das atuais relações entre as igrejas locais e a Cúria. Na terceira parte, procura-se dar uma idéia de um possível desenvolvimento futuro.

Já no seu primeiro discurso, o Papa João Paulo II deu a entender que quer promover ainda mais a solidariedade e a colegialidade do colégio dos bispos, nas conferências episcopais e, sobretudo, no Sínodo dos bispos. Não se poderá evitar que a visão do Vaticano II a respeito do Colégio episcopal, como missão baseada na sucessão apostólica e na ordenação sacramental para o governo da Igreja, venha a ter grande peso na determinação das futuras estruturas centrais do Governo Eclesiástico.

ARTE E SÍMBOLO NA LITURGIA, CONCILIUM/152. Ano 1980/2. Liturgia. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Páginas 138.

Duas questões diferentes e ao mesmo tempo intimamente relacionadas entre si constituem o fundo unitário deste fascículo de CONCILIUM. A primeira, a questão da expressão litúrgica; a segunda, a da beleza ou da arte na liturgia. A liturgia se exprime por palavras, símbolos, imagens, cantos e movimentos. O canto e a música são decisivos para que a liturgia alcance toda a sua força expressiva. A ênfase posta pelo Vaticano II na idéia de Igreja como Povo de Deus, na participação sacerdotal do povo no culto, a introdução das línguas vernáculas na liturgia, supôs um abalo quase sísmico de consequências ainda não previsíveis. Em vez do aristocratismo e da arte minoritária, protegida pelos nobres, temos uma liturgia de cunho sempre mais popular, no sentido pleno

da palavra, ou seja, em um sentido não só teológico mas também sociológico. A arte, a expressão, o símbolo começam a refletir o popular com suas lutas, suas marginalizações, sua miséria. A grande dificuldade é conseguir que dentro de todas as tensões existam formas vinculantes de unidade: uma sensibilidade, um simbolismo, uma estética que reflitam a fé comum.

COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO, os jovens vivendo Puebla, Pe. Carlos Afonso Schmitt. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Ano 1980. Páginas 132.

Roteiros para reuniões de grupo, manhãs de formação, dias de encontro, jornadas. Comunhão e Participação: idéias
chaves que perpassam todo o documento de Puebla, como ESPINHA DORSAL
que lhe dá unidade e dinamismo, são
enfocados neste livro em 25 roteiros de
estudo e reflexão destinados especialmente aos jovens. São eles a esperança
de um futuro mais humano e fraterno, se
forem devidamente conscientizados, a
fim de formarem um verdadeiro senso
crítico diante da realidade, das manipulações e dos interesses políticos, tantas vezes obscuros e totalitários.

Para esta tomada de consciência contribuem as reuniões de grupo, as manhãs ou dias de formação, onde os valores do mundo e os valores do Evangelho precisam ser confrontados, para que aconteça uma opção clara e um posicionamento firme e engajado. A palavra de Deus nos orienta e impulsiona para a ação, sempre mais comunitária, e um compromisso maior para com os mais oprimidos e marginalizados. Um livro para JOVENS e Ilderes juvenis, animadores adultos, professores e orientadores educacionais da juventude.

PUEBLA FALA DA VIDA RELIGIOSA (VIII)

- 761 Valorizar o testemunho evangelizador da vida consagrada como expressão vital dos valores evangélicos anunciados nas bem-aventuranças.
- 762 Revitalizar a vida consagrada mediante a fidelidade ao próprio carisma e ao espírito dos fundadores, em resposta às novas necessidades do Povo de Deus.
- 763 Incentivar uma seleção vocacional que permita a decisão plena e consciente e capacite para um serviço evangelizador adequado no presente e futuro da América Latina. Para isso, favorecer uma séria formação inicial e permanente, adaptada às circunstâncias peculiares da nossa realidade em perpétua mudança.
 - b) Consagração como expressão de comunhão
- 764 Fomentar nas comunidades a fraternidade, favorecendo em seu interior as relações interpessoais que ensejam a integração e conduzam a maior comunhão e melhor colaboração na missão. Estimular a abertura a relações intercongregacionais nas quais, respeitados o pluralismo de carismas particulares e as disposições da Santa Sé, se promova a união.
- Criar nas dioceses um tal clima de comunhão eclesial orgânica e espiritual em torno do bispo, que permita às comunidades religiosas viver sua pertença peculiar à família diocesana e, em especial, leve os religiosos presbíteros à descoberta de que são cooperadores da ordem episcopal e, de certa forma, pertencem ao clero da diocese. Para isso, estudar em conjunto os documentos eclesiásticos, particularmente o das Relações entre os Bispos e os Religiosos na Igreja.
- 766 Promover a plena adesão ao magistério da Igreja, evitando qualquer atitude doutrinal ou pastoral que se aparte de suas orientações (cf. João Paulo II, Discurso Inaugural I, 7 AAS, LXXI, p. 193).

Observação: O texto oficial do Documento de Puebla "A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina", tem 1310 números. Destes, 56 estão reservados à Vida Consagrada. Começa no número 721 e termina em 776. Aos poucos, transcreveremos, **ipsis litteris** estes números. Será preciso ler e reler para surpreender os sentidos subjacentes destas linhas.